

Trabalho de Conclusão de Curso

GENTRIFICAÇÃO:

Espetacularização e distinção

Natália Fonseca de Abreu Rangel

Universidade Federal de Santa Catarina
Curso de Graduação em Ciências Sociais

Natália Fonseca de Abreu Rangel

GENTRIFICAÇÃO: DISTINÇÃO E ESPETACULARIZAÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para a obtenção do Título de “Bacharel em Ciências Sociais”, e aprovado em sua forma final pelo Curso de Ciências Sociais.

Florianópolis, 24 de agosto de 2015.

Prof. Jeremy Deturche, Dr. Coordenador do Curso

Banca examinadora:

Prof^a Alicia Norma González de Castells, Dr^a Orientadora Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a Dr^a Elizabeth Farias da Silva, Dr^a Universidade Federal de Santa Catarina

Doutoranda em Antropologia Social Simone Lira da Silva, Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Escrevo os presentes agradecimentos em momento turbulento de finalização de TCC, momento de decisões em que vários caminhos estão se abrindo para mim.

Nesse momento só consigo pensar em quanto tantas outras pessoas merecem estar nesse local privilegiado em que me encontro e reafirmo meu compromisso com essas pessoas, marginalizadas, os donos de nada, os ninguém como diria Eduardo Galeano:

As pulgas sonham em comprar um cão, e os ninguéns com deixar a pobreza, que em algum dia mágico de sorte chova a boa sorte a cântaros; mas a boa sorte não chova ontem, nem hoje, nem amanhã, nem nunca, nem uma chuvinha cai do céu da boa sorte, por mais que os ninguéns a chamem e mesmo que a mão esquerda coce, ou se levantem com o pé direito, ou comecem o ano mudando de vassoura.

Os ninguéns: os filhos de ninguém, os dono de nada.

Os ninguéns: os nenhuns, correndo soltos, morrendo a vida, fodidos e mal pagos:

Que não são embora sejam.

Que não falam idiomas, falam dialetos.

Que não praticam religiões, praticam superstições.

Que não fazem arte, fazem artesanato.

Que não são seres humanos, são recursos humanos.

Que não tem cultura, têm folclore.

Que não têm cara, têm braços.

Que não têm nome, têm número.

Que não aparecem na história universal, aparecem nas páginas policiais da imprensa local.

Os ninguéns, que custam menos do que a bala que os mata.

Que seja feita a luta por uma educação de qualidade, pública e gratuita, e que, apesar de acreditar que não seja a faculdade, que serve hegemonicamente aos grupos dominantes, o local por excelência de construção de pensamento crítico, agradeço à Universidade Federal de Santa Catarina por proporcionar encontros com pessoas que disputam esse espaço e com quem pude aprender tanto.

Os lugares das trocas mais importantes na universidade: os corredores, os cafés, o bosque tão criminalizado e de onde saíram reuniões de invencíveis como o Ágora, o teatro “A Mandrágora”, CALCS e o lugar mágico do RU.

Agradeço ao profundo amor que cresce a cada dia por minha família da ilha, que me fez companhia nessa trajetória: Teteu (João) “deixa ela deixar”; Cris pertinente; Lucas; Romulinho e Candy por me aguentarem e a tantas e tantos amigas e amigos que tocaram essa passagem pela graduação.

Que sorte cair na 09.2 que pra não dizer nenhum, tinha UM normal.

Aos compas dos EIVs 2012, 2013, 2014, em especial à CPP 2013 e à lutadora Zeli Steffens e família.

Às pessoas que entrevistei e que de bom grado contribuíram com esta pesquisa.

Ao Diniz que merece uma declaração só para ele. Você está no meu TCC e nos meus caldos e fredões para sempre.

Ao outono de Mendoza que me ensinou que o amor não está nas palavras, nem nos gestos, mas em todo o resto para quem tem coragem. A vida é curta demais para sambar em vão.

Aos professores e professoras que fizeram toda diferença na minha formação: Remy Fontana, Marisol, Ricardo Muller, Raul Burgos, Márcia Mazon, Sônia Maluf, Brunetta em especial à Elizabeth Farias da Silva que em um momento de crise com o curso me disse algo que me faria ficar e concluí-lo “esse curso precisa de pessoas em crise”, que entendo hoje melhor que na época.

Aos colegas do NAUI, em especial à minha orientadora Alicia Castells, que fez papel de mãe, amiga, sempre me dando espaço e proporcionando conhecimentos e principalmente, respeitando e entendendo que somos estudantes e temos nosso próprio tempo (mesmo que esse tempo seja como o meu que exige alguns sumiços e demoras).

Ao amor, Dannuti, que contribuiu maravilhosamente para o atraso na conclusão deste trabalho.

E principalmente, à minha mãe Fátima, meu pai Hugo, minha irmã Dedé e Nô, que sempre me apoiaram desde o começo em qualquer que fosse a decisão para o meu futuro, sempre preocupados apenas com minha felicidade. À Bebel que me fez aprender a gostar de crianças e em

memória de Verônica e minhas avós, meus exemplos mais concretos de mulheres fortes e insubmissas.

Obrigada.

RESUMO

Este trabalho problematiza a existência do fenômeno de gentrificação na cidade de Florianópolis, Santa Catarina.

Para tanto é feita inicialmente uma retomada teórica e conceitual, buscando a localização do significado político do conceito de gentrificação, sua flexibilização e adaptações em pesquisas no Brasil e na América Latina (Proença Leite, Sabatini, D'ARC).

Para compreender a abrangência da captação do imaginário ideológico vinculado à gentrificação disseminado por seus/suas defensores/defensoras no Brasil também são analisadas as adaptações do conceito no dia-a-dia e no senso comum a partir de sua popularização em revistas, redes sociais, entre outros meios de promoção ideológica.

Por fim, exponho o estudo de caso realizado sobre o processo de “revitalização urbana” intitulada *Open Shopping* Rua Vidal Ramos e do projeto Feira Permanente Viva a Cidade, ambos na região central de Florianópolis.

Palavras-chave: gentrificação, espetacularização, requalificação urbana

ABSTRACT

This work problematizes the existence of the gentrification phenomenon in Florianópolis, Santa Catarina.

Therefore it is done a conceptual and historical recovery, looking for the location of the political meaning of the gentrification concept, its flexibility, and research adaptations in Brazil and Latin America.

To understand the range of the ideological imaginary attached to gentrification and promoted by its supporters in Brazil, also are analyzed the daily adaptations of the concept an in common sense from its popularization in magazines, social networks and other means of ideological promotion.

Ultimately it's exposed the case study realized about the "urban revitalization" process named "Open Shopping Vidal Ramos" and "Feira Permanente Viva a Cidade", both in the central area of Florianópolis City.

Keywords: gentrification, spectacularization, urban requalification

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACIF – Associação Comercial e Industrial de Florianópolis

BOPE – Batalhão de Operações Policiais Especiais

CDL – Câmara de Dirigentes Lojistas de Florianópolis

IPUF – Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis

SEBRAE – Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UPP – Unidade de Polícia Pacificadora

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| Capítulo 1 – Localizando a gentrificação..... | 13 |
| 1.1 Histórico do conceito de gentrificação..... | 14 |
| 1.2 As especificidades da América Latina..... | 21 |
| 1.2.1 O esvaziamento do conceito de gentrificação como estratégia política | 25 |
| 1.2.2 Por que não descartar gentrificação?..... | 39 |
| Capítulo 2 - Revitalização do Centro Histórico de Florianópolis | 41 |
| 2.1 Florianópolis quando Desterro..... | 41 |
| 2.2. Florianópolis, cidade em disputa..... | 45 |
| 2.3 Globalização e a disputa inter-cidades..... | 54 |
| Capítulo 3 – Revitalização da Rua Vidal Ramos | 59 |
| 3.1 Distinção e espetacularização..... | 62 |
| 3.1.1 Estratégias de marketing: ver e ser visto..... | 68 |
| Capítulo 4 – Revitalização Feira Permanente Viva a Cidade..... | 75 |
| 4. 1 <i>Pub Crawl</i> : uma festa privada no Centro Histórico de Florianópolis..... | 82 |
| 5. Considerações Finais..... | 88 |
| 6. REFERÊNCIAS | 91 |

INTRODUÇÃO

Estive envolvida na pesquisa “Cidade e Patrimônio. Formas de fazer a cidade e formas de fazer na cidade” por meio do Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural da UFSC e do Instituto Brasil Plural. Nesta pesquisa já desenvolvida foi realizada uma reflexão sobre os sentidos da planificação da requalificação urbana da Rua Vidal Ramos, requalificação essa intitulada *Open Shopping Vidal Ramos*. O recorte proposto neste projeto de TCC está ligado a estas reflexões proporcionadas pela pesquisa teórica e a campo realizadas de março de 2012 a março de 2013 - durante o período em que fui bolsista do referido projeto de pesquisa – pretendendo estender e aprofundar questões sobre as políticas de requalificação urbana do Centro Histórico de Florianópolis.

Para tanto, inicialmente é realizada a retomada do surgimento e da consolidação do conceito de gentrificação (Ruth Glass, Neil Smith, Sharon Zukin), seguindo o panorama nos locais em que surgiu e em seguida foi desenvolvido: Londres e Estados Unidos, as diferenças entre a gentrificação clássica e a gentrificação na pós-modernidade além de análise de seu uso e considerações teóricas.

Em seguida realizo o levantamento de trabalhos científicos relevantes (LEITE, 2007; D’ARC, 2006; SABATINI, 2010) para discutir a gentrificação na América do Sul e no Brasil. Para tal são ressaltadas suas especificidades por conta da modernização urbana tardia do continente, bem como são trazidos exemplos de capitais de estados, principalmente brasileiras, tais quais São Paulo, Rio de Janeiro e Recife, de forma a trazer um panorama desses processos no país.

Também são levantados e analisados dados sobre os usos do conceito de gentrificação por leigos e pela

mídia, veiculado no dia-a-dia e importante na formação do senso comum e da opinião pública sobre os processos de requalificação urbana nas cidades.

Por fim, trago dois estudos de caso de requalificação do espaço urbano central de Florianópolis: o Open Shopping Vidal Ramos, e a Feira Permanente Viva a Cidade. O estudo de caso do Open Shopping Vidal Ramos conta com entrevistas com os/as responsáveis pela idealização, planejamento e execução da reforma urbana e com observação com traços etnográficos do cotidiano e de eventos pontuais na rua pós-reforma. No estudo de caso da Feira Permanente Viva a Cidade, realizo entrevistas com o representante dos comerciantes da região e feirantes e observação com traços etnográficos, problematizando os dados à luz do conceito de gentrificação.

Capítulo 1 – Localizando a gentrificação

Pode-se dizer pelo volume de trabalhos sobre a temática e atualidade da mesma que “gentrificação” nos estudos urbanos é um tema da moda.¹ Desde que li o conceito pela primeira vez em 2010 até o ano de 2014 é notável o aumento exponencial de estudos científicos que buscam problematizar, flexibilizar, entender realidades locais, buscar padrões globais os relacionando com a gentrificação.

Inicialmente temi que este Trabalho de Conclusão de Curso pudesse vir a ser uma “Sociologia da Sociologia”, uma vez que me debrucei tanto tempo sobre o conceito que quase o reifiquei. No entanto, por mais que já haja trabalhos científicos², de diversos países, perspectivas e pontos de vista, discutindo o paradigma da gentrificação, fazendo o resumo do estudo do conceito em vários estudos de caso e seu histórico.

Julguei importante para esta análise específica dividir minhas interpretações sobre a localização do termo, pois amplo o estudo para sua identificação não só na ciência como também em demais veículos midiáticos e

¹ Gentrificação é um termo atualmente encontrado em publicações científicas e na grande mídia (programas de televisão, jornais, revistas), principalmente pela recorrência dos processos de revitalização urbana ocorridos nos últimos anos, em especial no Brasil em seus centros urbanos (principalmente de cidades turísticas) e decorrentes da preparação das administrações federal, estadual e municipal das cidades para a Copa do Mundo de 2014 no Brasil e dos Jogos Olímpicos que serão sediados pelo Brasil em 2016.

² O cotejar dos paradigmas de gentrificação (LEMOS; ZOLINI, 2009); De volta à cidade (BIDOU-ZACHARIASEN, 2006); Contra usos da cidade (LEITE, 2007).

instrutivos, de forma que a partir destas análises possa compreender seu papel político por diversos atores sociais³. Parto do pressuposto que é necessário que se compreenda o que é gentrificação, como ocorre no mundo e no Brasil, para por fim tentar compreender suas proximidades e distanciamentos no estudo de caso em Florianópolis.

1.1 Histórico do conceito de gentrificação

Não há como falar sobre os desdobramentos do conceito de gentrificação sem falar sobre sua origem e os/as pioneiros/as em seu desenvolvimento científico. Para tal farei um breve resumo das teorias de três autores/as fundamentais para entendê-lo: Ruth Glass, Neil Smith e Sharon Zukin.

O termo gentrificação foi cunhado pela socióloga britânica Ruth Glass em 1964.

As primeiras definições de gentrificação tem maior foco na questão do mercado imobiliário e na substituição da população mais pobre pela nova classe média.

Glass (BIDOU-ZACHARIASEN, 2006) designou o processo como a ocupação de boêmios pioneiros, da nova classe média em Londres, processo que resultou no aumento gradativo de aluguéis e na expulsão dos trabalhadores de classes mais baixas que viviam em bairros centrais da cidade. Gentrificação, então, designava as mudanças estruturais ocorridas em bairros centrais de Londres, os quais antes habitados pelas classes

³ De acordo com Pierre Bourdieu (2007) os atores sociais são agentes que incorporam a estrutura social objetivada, estando dentro de um esquema de relações de poder, reproduzindo em seus atos as mesmas.

trabalhadoras passavam a ser “invadidos” pela classe média.

Neil Smith (2006), geógrafo escocês radicado nos Estados Unidos, fortemente influenciado pelo geógrafo britânico David Harvey, aponta para o ponto que considera crucial nos processos de gentrificação: o fato de que envolve não apenas uma mudança social, mas uma mudança local física no sentido de habitação local, combinando a higienização social com a reabilitação das áreas para que a classe média possa habitá-las. Tal fenômeno acarreta no aumento do custo de vida e na especulação imobiliária, tendo também um sentido global:

O desenvolvimento imobiliário urbano – a gentrificação em sentido amplo – tornou-se agora um motor central da expansão econômica da cidade, um setor central da economia urbana. No contexto de um mundo recentemente globalizado, a “regeneração urbana”⁴ – representa uma estratégia central na competição entre as diferentes aglomerações urbanas. Assim como na globalização, estamos em presença de uma espécie de anônima lógica econômica, e a oposição a uma tal transformação global e urbana terá um papel crucial na orientação que tomarão os novos espaços. (SMITH, 2006, p. 85)

⁴ De acordo com Leite (2007) regeneração urbana é uma expressão que vem sendo utilizadas na Europa (principalmente pelos progressistas) e acaba por mascarar e anestesiar as análises críticas diante a processos semelhantes aos de gentrificação (termo mais utilizado nos Estados Unidos).

Os termos “renovação”, “revitalização” de acordo com Smith (2006) e Bidou-Zachariasen (2006) servem para neutralizar as críticas aos fenômenos de gentrificação, e tentar torná-los mais aceitáveis num sentido de que essa mudança urbana, a requalificação do espaço seria democrática, ou seja, para todos. Para não cair neste sentido neutralizador, adoto o termo “requalificação urbana” para designar as reformas urbanas com objetivo de melhoria de infraestrutura física e social no usufruto do espaço público. “Requalificação urbana” é um termo utilizado por autores/as Leite (2007), Bidou-Zachariasen (2006), e designa as transformações urbanas decorrentes de reformas infraestruturais em determinado recorte urbano (praça, ruas, avenidas), assim, evito cair na neutralização do termo.

Smith (1988 apud Zolini; Lemos, 2009) divide as transformações ocorridas em locais nos quais está acontecendo o processo de gentrificação clássica em três etapas:

1) A primeira onda: gentrificação esporádica

A primeira onda consiste na ocupação de uma centralidade desvalorizada pelo mercado imobiliário por pessoas de classe média. Estas pessoas mudam-se pelos baixos preços dos aluguéis e pela facilidade em encontrar serviços e infraestrutura. São pessoas que buscam adequar-se ao modo de vida urbana dito alternativo, algo que antes da década de 1970 já configurava status e imagem de cidade contemporânea.

2) A segunda onda: consolidação da gentrificação

A segunda onda, diferentemente da primeira, tem como protagonista o mercado imobiliário,

e não a classe média. O mercado imobiliário em conjunto com incentivos públicos e privados, ou as chamadas “aliança público-privadas” mudam o caráter da gentrificação. Eles apostam nessa localidade, tentando moldar nela uma nova centralidade urbana enquanto ainda não é uma área visada. Na teoria dos investimentos, isto implica na geração de lucro quando ocorre compra de imóveis ou terrenos por um preço relativamente baixo, para que, em seguida, quando as condições do local fossem melhoradas, ocorresse a venda a preços altos.

3) A terceira onda: gentrificação generalizada

Esta onda é denominada de “generalizada”, tal ocorre, pois o efeito gentrificador é estendido, configurando uma ampliação para além dos limites geográficos da metrópole. Passa a fazer parte não apenas de uma anomalia local e passa a ser alvo de investimentos de marcas e corporações internacionais, principalmente de jovens executivos de classe média. Além dos imóveis de uso residencial, todos os estabelecimentos comerciais da região passam a ser valorizados e há o estabelecimento de marcas de comércio globais com as quais a classe média se identifica. Assim ocorre uma mudança na paisagem urbana, visível e característica do enobrecimento gerado pela gentrificação, solidificando-a. As principais características dessa fase são a gentrificação do lazer, consumo e emprego. Tornando-se assim a cidade, um polo de disputa intercidades.

Fato que é importante destacar é a presença nas três ondas de uma nova classe média buscando situar-se na cidade. Sendo na primeira os com estilo alternativo, e nas demais a classe média executiva pioneira.

O termo gentrificação (em inglês *gentrification*) no sentido dado por autoras como Zukin (2000) e Bidou-Zachariasen (2007), designa intervenções urbanas como empreendimentos que elegem certos espaços da cidade considerados centralidades e os transformam em áreas de investimentos públicos e privados, cujas mudanças nos significados de uma localidade histórica faz do patrimônio um seguimento do mercado. Os processos de gentrificação culminam na valorização imobiliária implicando na instalação de comércios com mercadorias acessíveis às classes sociais mais altas e na impossibilidade de permanência de moradores com menores recursos financeiros, sendo assim substituídos por moradores com maior poder aquisitivo, elitizando o local.

In a subtle way, the ideology of historic preservation facilitates the removal of a pre-gentrification population, especially those residents whose modernization of their homes is incongruous with the spirit of authenticity in the gentrifiers own restoration. But the pragmatic wedge of their displacement is rising rents and higher sale prices for homes in gentrifying neighborhoods.⁵ (ZUKIN, 1987, p. 135)

⁵ “De forma sutil, a ideologia da preservação histórica facilita a remoção de uma população pré-gentrificação, especialmente aqueles residentes de quem as moradias são incongruentes com o espírito de autenticidade na própria restauração dos gentrificadores. Mas a parcela pragmática do deslocamento está aumentando os aluguéis e aumentando o valor de venda de moradias em vizinhanças gentrificadas.” Tradução da autora do TCC.

Zukin (2000), citando Damaris Rose, menciona as críticas feitas à abordagem marxista em respeito à monocausalidade de sua abordagem estrutural de necessidade econômica, em que a gentrificação trata-se de uma estratégia macro-histórica, que leva ao fenômeno. Para Rose, tratam-se de múltiplas estratégias, resultados de diferentes reproduções sociais.

A crítica de Rose (2000) refletiu nos trabalhos seguintes de marxistas acerca o tema de gentrificação. Os seguintes trabalhos ampliaram as macroanálises da economia global (vinculadas aos trabalhos marxistas) a outras causas tão importantes quanto, como a reprodução social, os usos individuais do espaço e estudos sobre consumo.

O trabalho de Zukin, é um destes trabalhos que realiza esse salto, ampliando a perspectiva econômica a compreensões socioculturais. A análise não é apenas geográfica, mas simbólica. Para compreender a teoria de Zukin sobre gentrificação, é necessário desenvolver o conceito de “paisagem”, ampliando seu sentido social:

(...) a paisagem é claramente uma ordem espacial imposta ao meio ambiente – construído ou natural. Portanto, ela é sempre socialmente construída: é edificada em torno de instituições sociais dominantes (a igreja, o latifúndio, a fábrica, a franquia corporativa) e ordenada pelo poder dessas instituições. (ZUKIN, 2000, p. 84)

A paisagem assim, dá forma material à diferença entre poder cultural e econômico. Pela paisagem, torna-se possível nos estudos dos lugares, realizar uma forma de mapeamento da oposição entre os que têm poder e os que tem pouco poder. “Com o enobrecimento e as novas

construções nos velhos centros das cidades, o que restou da residência unifamiliar particularmente arruinada, vernacular, é revisto como paisagem e investido de poder cultural” (ZUKIN, 2000, p. 87). A pós-modernidade refere-se então à essa inversão de identidades socioespaciais.

O processo de enobrecimento dá-se quando um grupo apropria-se de características do nativo e assume uma perspectiva de ambos, impondo sua visão ao materializar as mudanças geograficamente na paisagem, atribuindo novas características culturais. Convertendo o vernacular em paisagem, ocorrendo apropriação espacial e cultural.

Este, para a autora, é o dilema da gentrificação: por um lado há uma região desvalorizada, que sofre esvaziamento e torna-se de vivência urbana desgostosa, além de perigosa. Por outro lado a aura do conjunto poderá ser inundada pelo influxo de capital, de modificações, crescimento do entorno, que provavelmente estimulará a expulsão dos mais pobres e resultará em enobrecimento do local.

Muito se tem falado entre especialistas em urbanidades no meio científico sobre a desqualificação do espaço público urbano central, além de seu abandono e esquecimento (JAYME, 2010; ZUKIN, 2000; BIDOU-ZACHARIASEN, 2006). Alguns estudos tratam o tema como uma mudança das interações do espaço público em relação com o processo capitalista global: “Neste processo os espaços públicos não foram renegados, mas seus usos e as interações tornaram-se perpassados por uma conduta mais vigilante e temerosa e, em muitos casos, defensiva e mesmo segregacionista em relação ao estranho.” (JAYME; NEVES, 2010).

Para o sociólogo brasileiro Rogério Proença Leite (2007), a justificativa utilizada para os grupos que pretendem gerir esses espaços é a necessidade de

desenvolvimento econômico para a cidade. O desenvolvimento econômico justificaria a apropriação que induz a determinados usos desses espaços combinada com o controle dos sujeitos considerados marginais, resultando numa higienização social⁶.

1.2 As especificidades da América Latina

O esforço em pensar a revitalização no contexto da emergência de processos de gentrificação é frutífero no que diz respeito à contextualização em relação ao panorama global e à problematização em relação a modelos de reabilitação urbana que possam vir a ser pautados por um caráter elitista. (LEITE, 2007)

O caráter elitista das revitalizações, presente em processos de enobrecimento urbano, já é usual nas políticas de revitalização e o discurso do abandono do espaço público pode muitas vezes ser compreendido como estratégia para a aplicação desses projetos (D'ARC, 2006). De acordo com Jacques (2009):

As relações entre espaço público e imagens da cidade contemporânea passam hoje inevitavelmente pelo processo de espetacularização urbana contemporânea, que é um dos maiores responsáveis tanto pela negação dos conflitos e dissensos no espaço público contemporâneo quanto pelo empobrecimento das experiências corporais nestes espaços e, sobretudo, pela negação, eliminação ou ocultamento da vitalidade dos espaços mais populares das cidades, que

⁶ Utilizo higienização social no sentido de políticas de expulsão ou deslocamento de camadas da população consideradas marginais como: prostitutas, mendigos, vendedores ambulantes e “malandros”.

buscam se tornar midiáticas e espetaculares.

Isto não significa que se um processo de requalificação de um espaço urbano tiver caráter elitista, e se proponha a neutralizar a dinâmica da cidade, isto de fato irá acontecer.

No entanto, como exposto neste trabalho até este ponto, não é produtivo pensar na gentrificação enquanto fatalidade de uma estratégia histórica, as possibilidades do fenômeno encontram-se no dia-a-dia relacionadas aos usos do espaço público.

Para José Guilherme Cantor Magnani (2002), antropólogo brasileiro, é necessário para estudar a cidade um olhar “de dentro”:

(...) daqueles atores sociais não como elementos isolados, dispersos e submetidos a uma inevitável massificação, mas que, por meio do uso vernacular da cidade (do espaço, dos equipamentos, das instituições) em esferas do trabalho, religiosidade, lazer, cultura, estratégias de sobrevivência, são responsáveis por sua dinâmica cotidiana (MAGNANI, 2002, p. 18).

Entendendo que este tipo de pesquisa não obtém como resultado uma infinidade de individualidades, mas apresentando alguns padrões, pelos quais procura criar suas categorias como “lugares, manchas e pedaços”.

Cada local é marcado por suas peculiaridades e possui grupos com diferentes interesses em relação à cidade.

É dado o nome de “usos” do espaço público àqueles usos previstos por grupos que pensam, arquitetam e planejam a cidade, esses usos estão, portanto, em congruência ao planejamento dos espaços urbanos. Aos

usos que não estão em congruência aos previstos por esses grupos são dados os nomes de “contra-usos” do espaço público. São usos fora da norma, marginais.

O conceito de “contra-uso” foi cunhado por Rogério Proença Leite (2007), de forma a ser usado como instrumento de compreensão da cidade que é dinâmica, ou seja, não é porque ela é planejada para acontecer de uma forma que tal fato acontece, não é porque existe um planejamento de uso predeterminado que este se consolidará. A cidade é construída em seu cotidiano, pelos atores que atuam nela.

O autor Sabatini (2010) postula uma teoria que embasa-se na gentrificação sem expulsão. Para ele a gentrificação latinoamericana pode ter efeitos positivos, não apenas negativos, podendo ser transformado num processo de integração social.

Para ele é certo que a elevação generalizada dos preços do terreno causa na área gentrificada uma força permanente de expulsão das pessoas mais pobres que já não são capazes de pagar o aluguel que aumentou, ou acabam vendendo suas casas. Mas ao mesmo tempo, postula que é certo que alguns desses moradores pobres irão permanecer enquanto outros terrenos serão ocupados por pessoas com maior poder aquisitivo, “con una significativa apertura cultural y sociológica a la mezcla social en el espacio” (p. 167).

Neste caso, a expulsão dos moradores mais pobres seria um subproduto da gentrificação, pouco provável e mais fácil de evitar-se em cidades latinoamericanas do que no que como o autor coloca, no “mundo desenvolvido.” Não acredita que esta seja a forma ideal de integração, mas que esta pode ser uma alternativa.

De esta forma, la aproximación espacial entre grupos sociales que comporta la gentrificación, esto es, la

invasión de barrios populares por gentes de clases medias y altas es una forma objetiva de reducción de la segregación residencial. No sólo se aproximan las residencias de las distintas clases, sino que los barrios populares y su entorno ven mejorar sus condiciones de accesibilidad a la ciudad; sus equipamientos comerciales, de oficinas y servicios públicos, y lo mismo las dotaciones materiales urbanas dado el incremento de la base tributaria de los respectivos municipios. (SABATINI, 2010, pps.167,168)

Ao analisar o trabalho de Sabatini (2010), nota-se que o autor debruça-se sobre o aspecto da valorização do solo, levantando dados acurados sobre a permanência ou evasão de moradores/as e sobre a flutuação dos valores dos terrenos no mercado imobiliário. Este ponto é importante quando pensamos na gentrificação clássica cunhada por Glass e Smith. No entanto, quanto levamos em consideração as peculiaridades da América Latina, a desigualdade na distribuição de renda e moradia, visível principalmente em grandes cidades, deixa-se de lado fatores importantes como o do “fazer” da cidade. O “fazer” da cidade envolve tanto os interesses políticos de grandes grupos tomadores de decisão como a administração pública e organizações de empreendedores, até os interesses dos pequenos comerciantes. Principalmente o “fazer” da cidade dos que constroem a cidade em seu cotidiano, a partir de seus usos e contra-usos.

Defendendo que a gentrificação não necessariamente causa segregação entre as pessoas de acordo com sua classe, nem controle do espaço público, nem uma perda de sua identidade Sabatini (2010), que formula seu

pensamento sobre o fenômeno em torno da possibilidade de integração que o mesmo ofereceria nas cidades. Esta análise é limitada quando leva-se em conta a ausência de análise sobre as fronteiras simbólicas, servindo assim para endossar o discurso político vigente da convivência democrática harmônica entre as classes sociais.

Contrapondo a teoria de Sabatini à de Zukin, nota-se que Sabatini deixa de ver a oposição entre vernacular e paisagem, e passa a ver apenas a paisagem integradora, perdendo assim aspectos de tensão que as relações de poder impõe na estampa urbana.

Em suma, aos poucos as análises iniciais, de tentativa de compreensão macrosociológica a partir de uma abordagem marxista como as de Glass e Smith, focando principalmente na questão econômica do mercado imobiliário dão lugar a interpretações que buscam dar sentido à teia de significados do espaço urbano na pós-modernidade analisando os interesses de diferentes atores sociais, os reincidentes processos de requalificação urbana e a mobilização da cultura, da identidade e do patrimônio presentes nos mesmos, como nas teorias de Zukin e Leite.

1.2.1 O esvaziamento do conceito de gentrificação como estratégia política

Ao procurar em ferramentas *on-line* de pesquisa o termo “*gentrification*” aparecem mais de 3 milhões de resultados para a pesquisa. Pesquisando por “gentrificação” (a versão abrigada do conceito) encontram-se pelo menos 78 mil resultados.

Entre os resultados estão as mais diversas análises do fenômeno. Desde análises acadêmicas atuais das mais

diversas áreas, até a apropriação do termo por leigos nos mais diversos meios de comunicação (blogs, sites de revistas políticas, grupos de discussão).

Trago alguns resultados da grande mídia para analisar brevemente como se dá a apropriação do conceito de gentrificação por leigos e pelo senso comum.

Naomi Klein (2008) chama de “doutrina do choque” o momento em que um grupo de força (política, cultural, econômica) capacitado de realizar mudanças se apropria de um momento extremo (tsunami, atentado terrorista, guerra) para utilizar esse poder e transformar um determinado espaço a seu favor. Essa teoria ultimamente tem sido utilizada para entender os processos de pacificação das favelas dos morros cariocas, chamada “choque de ordem” (FORTES; LAIGINIER 2009).

Nestes casos, no “choque de ordem”, ocorre a política de Estado de exceção para viabilizar a pacificação das comunidades no Rio de Janeiro, havendo assim, criminalização da pobreza, em que as favelas, e, por conseguinte a pobreza, são vistas como ameaça. Assim a lei se aplica de diferentes formas para as pessoas que não moram em favelas e para pessoas que moram em favelas.

Na matéria abaixo, do jornal “O Globo” (2013) podemos observar a valoração positiva destes processos em tipo de análise semelhante à de Sabatini (2010), que entende que há o aumento da harmonia e integração na cidade e promove a visão de que são desejáveis as “ondas de gentrificação”.

A ONDA DA GENTRIFICAÇÃO

Economia, eventos e UPPs reinventam os bairros do Rio

Mudança de perfil da população faz imóveis em áreas degradadas, como a Cruzada São Sebastião, se valorizarem mais de 100%

Itenda mais alta dos novos moradores transforma relações econômicas e sociais na vizinhança e faz surgirem edifícios e estabelecimentos comerciais mais sofisticados

Antes de perder o emprego, a ex-cozinheira de bordo da Varig Denis Siletti vendeu o apartamento no Leblon e, por R\$ 170 mil, comprou um menor na Cruzada São Sebastião. Um ano e sete meses depois, o imóvel está avaliado em R\$ 400 mil. Denis é um dos personagens do fenômeno da gentrificação, a renovação urbana a partir da mudança do perfil dos moradores. No Rio, o processo é acelerado pelo crescimento da economia acima da média nacional, pelos investimentos para os grandes eventos e pela pacificação das favelas. **REPORTAGEM FÁBIO VASCONCELOS, FLÁVIO TABAK, NATANAEL DAMASCENO E PAULO THIAGO DE MELLO. PUBLICAÇÃO 20+24**

SHOARH BEIM

OS IMÓVEIS QUE AINDA RESISTEM NA ZONA SUL

Construtoras lutam por propriedades que não consigam comprar



Vida nova. Denis Siletti, na porta do apartamento de 24 metros quadrados na Cruzada São Sebastião

Gentrificação

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Chama-se **gentrificação**, uma tradução literal do inglês "gentrification", que não consta nos dicionários de português, o fenômeno que afeta uma região ou bairro pela alteração das dinâmicas de composição do local, tal como novos pontos comerciais ou construção de novos edifícios, valorizando a região e afastando a população de baixa renda local. Tal valorização é seguida de um aumento de custos de bens e serviços, dificultando a permanência de antigos moradores de renda insuficiente para sua manutenção no local cuja realidade foi alterada.^{1 2}

Foto: Jornal O Globo, 27 de outubro de 2013, nº 29.301

As Unidades de Polícia Pacificadora são responsáveis pelo processo de ocupação ostensiva e combate à violência nas favelas, violência essa sendo percebida como o crime

organizado fortemente armado (gângues e grupos de traficantes).

Não se trata de um processo simples: esta política legitima a invasão e o uso da força em todos os territórios de favelas, funcionando como um Estado de exceção, que deveria ser acionado apenas em estados emergenciais, abolindo o Estado de direito.

O Rio de Janeiro é cidade-alvo de turistas estrangeiros e locais, local que conta com paisagens que quase sempre são retratadas nas tele-novelas mais populares do Brasil: tem desde as áreas da Zona Sul, conhecidas por suas belas praias, grandes hotéis e moradores com grande poder aquisitivo (conhecidos como o “núcleo rico” da telenovela); ao mesmo tempo em que co-existe com uma grande população de moradores da favela⁷. São conjuntos das chamadas “comunidades” (favelas com delimitação territorial e identificações específicas) formando grandes complexos de favelas (retratadas com o “núcleo pobre” das telenovelas que se passam no Rio de Janeiro).

Rio de Janeiro é a cidade com a maior população vivendo em aglomerados subnormais do país, revela o estudo do Censo 2010 sobre o tema, divulgado pelo IBGE. São 1.393.314 pessoas nas 763 favelas do Rio, ou seja, 22,03% dos 6.323.037 moradores do Rio. A cidade fica à frente inclusive de São Paulo, cuja população nas favelas e loteamentos irregulares é de 1.280.400, embora a capital paulista tenha mais aglomerados subnormais do que a

⁷ A maior favela do Brasil está localizada no Rio de Janeiro, a Rocinha, contando com 69 mil moradores. <http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/as-10-maiores-e-mais-impressionantes-favelas-do-brasil#2>

fluminense, 1.020 ao todo. (GALDO, 2011)

Vem crescendo o número de moradores contestando as mortes cometidas pela polícia nestas favelas:

Ao buscar hegemonia, o Estado utiliza-se de práticas repressivas, sempre justificadas pela necessidade de impedir o desequilíbrio, a desarmonia nas funções da sociedade. Assim, reforça o exercício da violência dos grupos dominantes e institui o monopólio da violência pelo Estado, que determina suas regras e valores. Nessa perspectiva, a violência policial torna-se um dos grandes inimigos dos jovens pobres e negros que vivem nas periferias e favelas das grandes cidades (FEFFERMAN, 2013).

As políticas da UPP e do governo Paes baseiam-se na criminalização da pobreza, tendo como aporte em sua agenda política outras ações como a redução da maioridade penal e excesso de poder nas mãos da política (BOPE, MILITAR) aproveitando-se da sensação de insegurança devido ao crescente aumento da violência na cidade e deixando em segundo plano ações de diminuição da desigualdade social, promoção de educação e cultura.

Falando-se em estatísticas, de acordo com dados do Ministério da Saúde apura-se que mais da metade dos homicídios no Brasil (53%) atinge pessoas jovens, sendo que, deste grupo, mas de 75% são jovens negros, de baixa escolaridade, em sua grande maioria homens (91%) e com maior incidência na faixa etária entre 20 e 25 anos. (Secretaria Geral da Presidência da República, 2012)

A exemplo da teoria Foucaultiana de Panóptico, desenvolvida para descrever as práticas de poder espacial entre os séculos XVIII e meados do século XX:

Seria preciso fazer uma “história dos espaços” – que seria ao mesmo tempo uma “história dos poderes” – que estudasse desde as grandes estratégias da geopolítica até as pequenas táticas do habitat, da arquitetura institucional, da sala de aula ou da organização hospitalar, passando pelas implantações econômico-políticas (FOUCAULT, 1979, p. 212 apud MACHADO; NORONHA, 2002).

O que isso tem a ver com a gentrificação? No Brasil, as políticas de valorização do terreno ligadas à especulação imobiliária, resultam na expulsão dos/as moradores/as de seu território que passa a ser alvo de empreendimentos imobiliários. A política das UPPs está ligada a essa política de higienização social, sendo a “guerra ao narcotráfico” sua justificativa. (FORTES; LAIGINIER, 2010; FERRAZ; MACHADO, 2014)

Parte significativa dos 6.300 sem-teto está instalada nas calçadas e praças na Zona Sul carioca, em pleno processo de preparação para os jogos que teve início em 2009, e seriam suficientes para explicitar quem de fato já está pagando pela atual supervalorização imobiliária e pelo embelezamento da cidade como palco para os megaeventos. No quadro das políticas públicas de pretenso ordenamento da cidade, a Prefeitura do Rio de Janeiro

criou em 2008 a Operação Choque de Ordem, “com o objetivo de pôr um fim à desordem urbana, combater os pequenos delitos nos principais corredores, contribuir decisivamente para a melhoria da qualidade de vida” na cidade, tendo como foco prioritário o banimento das “classes perigosas”. (FERRAZ; MACHADO, 2014)

Abaixo, está uma imagem que torna, o fato de que o mercado se apropria das favelas pacificadas para lucrar com a valorização do solo, didático até mesmo para crianças:

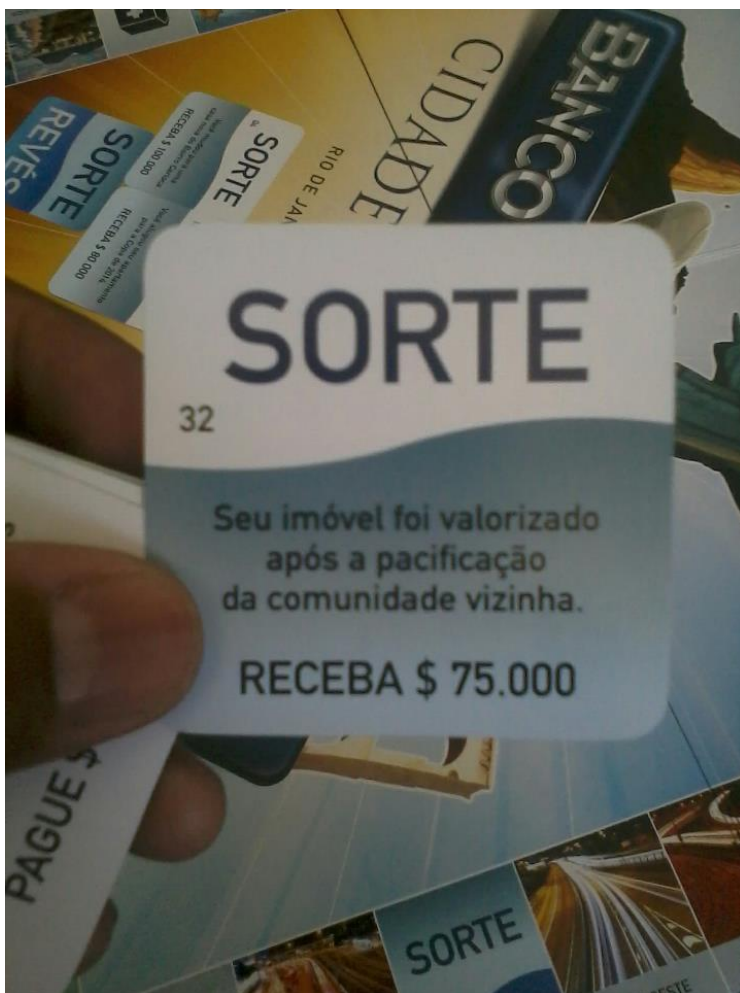


Imagem: Carta do Jogo Banco Imobiliário Cidade Olímpica



Imagem: Caixa do Jogo Banco Imobiliário Cidade Olímpica

Esta imagem se refere ao jogo criado pela marca de jogos Estrela com apoio da Prefeitura do Rio de Janeiro de maneira a exaltar as obras realizadas pelo prefeito do Rio de Janeiro (2009-atualmente), Eduardo Paes, filiado ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB).

As obras são referentes às mudanças urbanas incentivadas pela Prefeitura do Rio de Janeiro para o acontecimento dos Jogos Olímpicos que serão sediados pela cidade do Rio de Janeiro no ano de 2016.

A lógica do jogo consiste em comprar terrenos para cobrar aluguéis dos outros jogadores que passarem pelos terrenos comprados. Ganha quem obtiver mais lucro ou não falir.

A Prefeitura do Rio de Janeiro encomendou 20 mil jogos para distribuir entre as escolas da rede municipal da

cidade como forma de propaganda política. (Obras de Paes viram peças de Banco Imobiliário distribuído em escolas, 2013).

Em observação etnográfica na Lapa, bairro da região central do Rio de Janeiro, em 2012⁸, especificamente na Rua do Lavradio, foram notáveis as transformações urbanas dos últimos anos.

A Rua do Lavradio, anteriormente ocupada por pequenos comércios, em sua maioria antiquários, hoje em dia possui grandes estabelecimentos voltados ao entretenimento. Vários desses pequenos comércios foram comprados pelo empreendimento Rio Scenarium, uma casa de shows que também funciona como antiquário.

Em concomitância a esse processo de transformação da região ocorreu a chamada “revitalização da Lapa”, que melhorou a infraestrutura, instalou nova iluminação, e fechou algumas ruas aos domingos para privilegiar a circulação de pedestres. Novos empreendimentos buscam cada vez mais estabelecer-se na região, conhecida por sua vida noturna movimentada.

Na matéria “Revitalização da Lapa atrai cada vez mais lucros” (O DIA, 2013), é colocado que o investimento inicial na requalificação urbana foi dos empreendedores, para em seguida ser apoiada pelo poder público. O público da Lapa é eclético, e convivem ao mesmo tempo grandes casas de show e pequenos “pés sujos”⁹, pés sujos esses cujo os donos¹⁰ afirmam serem

⁸ Em pesquisa do projeto “Cidade e Patrimônio. Formas de fazer a cidade e formas de fazer na cidade” do Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural da UFSC.

⁹ Pés sujos são como são chamados os bares mais simples no Rio de Janeiro. Também são conhecidos como “botecos”.

¹⁰ Em entrevista no Rio de Janeiro no dia 19 de julho de 2012.

assediados para vender os pequenos empreendimentos com frequência, mas como sabem que a região irá valorizar-se mais estão esperando melhores ofertas. É clara a saída do comércio de antiquários e pequenos bares para o investimento em grandes casas de entretenimento inspiradas nas características históricas da Lapa.

A reincidência dos chamados processos de “revitalização urbana” em concomitância à ocorrência de gentrificações urbanas foi observado por Catherine Bidou Zachariasen (2006) que publicou o livro “De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos”, já referenciado neste TCC. Este livro trata-se de uma coletânea de artigos sobre as transformações urbanas que combinam estes dois processos, que a autora reconhece como

Também se pode verificar a mudança das atividades gerais de um bairro, para o favorecimento de atividades específicas, que satisfazem o nicho consumidor que prevalece no local e que pagará um preço maior por essa diferenciação de serviço. Como exemplo, tem-se o caso de restaurantes especializados, galerias de arte, bares noturnos e toda uma variedade de equipamentos que possam vender a imagem de renovação urbana e social, e que também pode, em alguns casos, alavancar o interesse turístico (LEMOS; ZOLINI, 2009, p.5).



Capa da revista Veja nº 1684, 24 de janeiro de 2001.
Disponível em:
<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.13/3/3950> Acesso em 24/04/2015

O imaginário ideológico vinculado a fenômenos de gentrificação serve como proposto por Zukin (2000) para auxiliar no mapeamento das relações de poder. De maneira diluída, a mídia dominante no Brasil¹¹, busca informar as/os cidadãs/aos brasileiras/os de que o enobrecimento urbano é desejável, vinculando frequentemente a pobreza à violência, não mencionando intencionalmente que muitas/os trabalhadoras/es pobres se deslocam por grandes distâncias diariamente e morar numa região mais central poderia beneficiá-las/os, tratando essas pessoas como na imagem acima, com praticamente um “câncer” que adoece a cidade. E enaltecendo a vinculação entre o enobrecimento urbano e o lucro.

Como dito no início deste capítulo, pode-se dizer que gentrificação é um termo da “moda”.

Sobre os estudos atuais sobre gentrificação vale destacar: à medida em que o produtivismo acadêmico¹² processualmente surge como norteador das produções científicas, maior o volume de tentativas do uso do termo e menor a rigorosidade científica da utilização do mesmo. Não só este sendo um fator, mas também com os interesses políticos dos atores sociais do campo acadêmico na área de

¹¹ São dez famílias que controlam os principais meios de comunicação brasileiros: Abravanel (SBT), Sirotsky (RBS, maior grupo de comunicação do sul do Brasil), Civita (Editora Abril), Macedo (Record), Frias (Folha de S. Paulo), Levy (Gazeta Mercantil), Marinho (Organizações Globo), Mesquita (O Estado de S. Paulo), Nascimento Brito (Jornal do Brasil) e Saad (Rede Bandeirantes) (VIEIRA, 2009).

¹² Refere-se à produção científica feita com limites orçamentários, pouca orientação, pouco (ou nenhum) incentivo financeiro e diminuto tempo para leitura, pesquisa e análise. Sendo assim, forçada a publicação de artigos considerados não tão relevantes pelos/as próprios/as autores/as. Prática comum nas universidades brasileiras no século XXI. (GAJANIGO, 2013)

estudos de urbanidades, ocorre uma apropriação valorativa do termo gentrificação.

Anteriormente, o fenômeno de gentrificação visto de forma pessimista não por juízo de valor, mas pelos impactos sofridos num primeiro momento a partir de perspectivas de classe, em um segundo momento, passa a ser apropriado de forma otimista por grupos de intelectuais e atores sociais com poder¹³ ligados à tomada de decisões políticas na cidade (como nos campos midiático e parlamentar).¹⁴ A gentrificação seria então um objetivo a ser atingido numa cidade que almeja crescer no sentido econômico, visando lucro tanto para pequenos empreendedores quanto a nível de competição global. Como todas as cidades precisam desenvolver-se economicamente, a valoração positiva dada à gentrificação escamoteia outros interesses que podem ser contrários e vir a prejudicar as políticas urbanas, mesmo que haja impulso econômico, como a expulsão de moradores/as mais pobres e disciplinamento no uso do espaço urbano.

Ao levantar estudos que analisam os paradigmas da gentrificação (SLATER; LEMOS e ZOLINI; BIDOU-ZACHARIASEN) percebe-se que a análise macrosociológica só encontra respaldo em concomitância à análise microsociológica, em que se resolve de forma empírica as implicações das requalificações urbanas nas centralidades metropolitanas, e desta forma segue-se a análise dos dois estudos de caso que serão apresentados a seguir.

¹³ Como arquitetos, administradores públicos, grupos de empresários, associações de comerciantes, e pesquisadores e técnicos da universidade.

¹⁴ Deixando claro que as interpretações anteriores não deixam de forma alguma de existir, coexistindo com o que pode-se chamar de “nova apropriação política” do conceito.

1.2.2 Por que não descartar gentrificação?

Entendendo-se o movimento científico em relação ao conceito, vemos como se consolida tanto a importância da análise macroeconômica para compreendê-lo, assim como as críticas incorporadas aos trabalhos posteriores em que se busca analisar em concomitância as dinâmicas culturais e sociais de cada contexto em que existe uma localidade em que é possível ocorrer a gentrificação.

Analisar um processo de requalificação urbana desvalendo-se do conceito de gentrificação é improdutivo no que concerne ao olhar ampliado que o/a cientista social deve ter. É desvincular o movimento urbano local do global. É perder o ponto de vista geral para focar apenas no estudo de caso específico.

As transformações urbanas brasileiras estão longe do modelo clássico de gentrificação, mas a partir de uma leitura mais aprofundada acerca do conceito, é possível entender suas flexibilizações úteis e os limites até os quais seu sentido ainda não se esvazia, sendo assim, de instrumentário ferramental essencial para compreender os sentidos da requalificação urbana nas regiões centrais das grandes cidades.

Capítulo 2 - Revitalização do Centro Histórico de Florianópolis

2.1 Florianópolis quando Desterro

Na literatura científica especializada inglesa, o Centro Histórico ou *central area*, faz parte do considerado “coração da cidade”, ou seja, designa o conjunto mais importante da área urbana no período anterior à modernização (VAZ, 1991).

Os centros urbanos das grandes cidades que no começo da implementação dos projetos urbanos modernos foi considerado o local de encontro de diferentes grupos que queriam estar perto do local em que “a cidade acontecia” graças à sua efervescência comercial.

A cidade passa a ser considerado o lugar do “outro” – transeuntes apressados sempre de passagem, consumidores pobres, prostitutas, camelôs – por conta da perda da “aura” moderna pela desqualificação do espaço causada pela transferência do comércio mais sofisticado para shoppings centers e outros bairros. (JAYME & NEVES, 2010; BIDOU-ZACHARIASEN, 2006)

Em Florianópolis houve a modernização tardia da cidade em relação a centros urbanos maiores do Brasil como São Paulo e Rio de Janeiro, tendo suas especificidades no que concerne aos processos de urbanização.

A modernização da cidade na região do Centro Histórico é marcada pela verticalização de prédios e pela mudança da predominância do tipo de serviços nos prédios ali encontrados, antes eram em sua maioria de serviços públicos para tornarem-se sua maioria de serviços privados. Esta mudança proporcionou o adensamento da população residente central (juntando-se aos descendentes da antiga burguesia comercial ali estabelecida antes da modernização), a maioria dos residentes sendo

profissionais liberais de classe média. As populações mais pobres instalaram-se em áreas próximas ao centro, mas de difícil ocupação como encostas de morros como o Morro da Cruz, e áreas mais distantes na periferia do aglomerado urbano (VAZ, 1991)

O turismo, outra característica da modernização também impulsionou o crescimento da circulação de pessoas principalmente de classe média no centro da cidade.

Florianópolis tem um histórico de expulsão e higienização da cidade. Em sua história oficial, majoritariamente a escravidão de negros africanos foi invisibilizada, enfatizando a mão-de-obra de colonos europeus e deixando de lado a mão-de-obra escrava presente na história de Florianópolis.

Não foi até aparecer uma classe comercial em Desterro que começou a haver a divisão de classes. Antes, a situação de pobreza era geral, não havendo assim distinção entre brancos e negros.

De acordo com Vaz Popini (1991), em 1845, uma série de leis de controle social foi criada para restringir a presença de escravizados e vadios em locais públicos como praças e ruas, impedindo “ajuntamentos” para suas atividades sociais como festas, celebrações e rituais. Os donos ou moradores que permitissem, eram ameaçados com multas e prisões. O código também tentava restringir os locais de moradia dos escravizados.

“O artigo 112 do código permitia o entrudo apenas às ‘pessoas descentes’ nos três dias do costume. As pessoas descentes não incluíam negros, marinheiros, nem vadios.” (p.180)

Muitos escravizados fugiam, dadas essas condições, e assim, começaram as primeiras ocupações dos morros de Desterro, onde os escravizados negros fugidos ou libertos se refugiavam e tentavam estabelecer-se.

Os escravizados abandonados por invalidez física, mais tarde pela lei do sexagenário¹⁵, seguida pela abolição da escravidão¹⁶ passaram a viver como vadios na rua, em situação precária de pobreza e miséria.

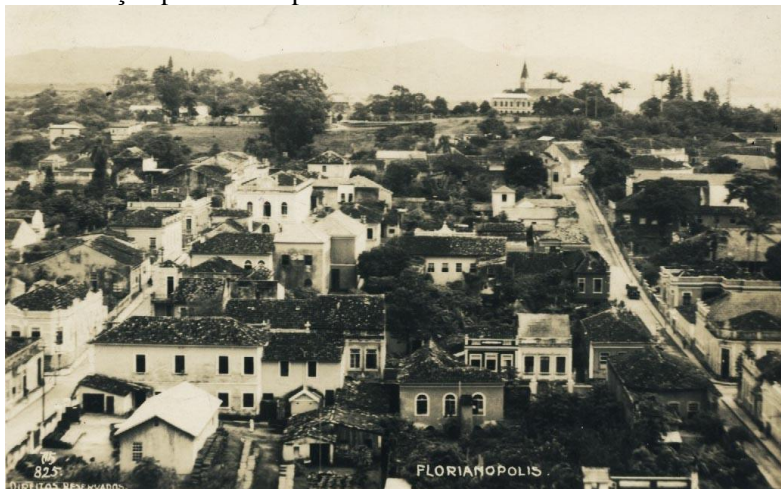


Foto: Florianópolis no ano de 1928. À esquerda a Rua Tenente Silveira e à direita a Rua Vidal Ramos no Centro Histórico de Florianópolis. Fonte: <https://ruatenentesilveira.wordpress.com/>

No começo do século XX, iniciara-se um processo de expulsão da população pobre e ex-escrava. De acordo com Ianni (1960 apud POPINI, 1991) “entre os negros libertos, só permaneceram na Ilha os que se inseriram no sistema artesanal e semi-industrial do município. Os

¹⁵ A lei do sexagenário consiste na lei promulgada em 1885 que libertava os escravizados após eles atingirem 60 anos. Poucos atingiam e os que conseguiam já estavam fisicamente extremamente desgastados.

¹⁶ A abolição da escravidão foi oficialmente promulgada pela Lei Áurea em 13 de maio de 1888, proibindo a escravidão no Brasil (apesar de alguns estados terem mantido práticas escravocratas muitos anos após sua promulgação).

descendentes dos antigos escravizados dos serviços ou das profissões mecânicas, que conseguiram permanecer nas posições ocupadas por seus ancestrais. (p. 210)”

As populações africanas, escravos, estrangeiros pobres, doentes passaram a ser considerados estranhos, portadores de patologias físicas e morais, incapazes de se tornarem cidadãos plenos. Na impossibilidade de exterminá-los, as elites brancas inviabilizaram a presença negra no cotidiano de Florianópolis (MORTARI e CARDOSO, 1999, p. 92 apud VAZ,1991, p.408)

Alguns dos locais em que os ex-escravizados negros se instalavam, montando seus cortiços foram: nas proximidades da Igreja do Rosário (encostada na Rua Vidal Ramos, presente no estudo de caso deste trabalho), ao longo das margens da Fontes grande, próximo à Pedreira, Beco Sujo, Tronqueira e nos bairros pobres da Toca e Figueira, subindo para os morros ou para indo para o interior da ilha, juntando-se aos grupos de escravizados que haviam fugido anteriormente.

Os escravizados viviam nos fundos das casas como agregados, a cidade era dos pobres e dos escravizados. As atividades principais eram a pesca e o pequeno comércio.

Mesmo que não tenha ocorrido o processo completo de modernização no centro de Florianópolis, é possível delimitar de acordo com a especialização dos serviços centrais, a área central da cidade entre as baías Sul e Norte e Morro da Cruz na Ilha.

Durante o século XIX, viveram em cortiços como o “Cidade Nova” e casas de negros que foram demolidas no início do século XX para a construção da Praça e do Congresso

Representativo, alargamento das ruas e para o “embelezamento e higiene” das políticas: modernizadora e sanitária da época. Desta área, os pobres foram expulsos, para a Fonte Grande e para os Morros. (VAZ, 1991, p. 203, 204)

O processo de exclusão dos pobres nos dias de hoje se dá de maneira diferenciada. Em se tratando da ilha de Florianópolis, os preços dos aluguéis empurraram a população com menor poder aquisitivo cada vez mais para os morros, constituindo o Maciço do Morro da Cruz, atualmente com cerca de 30 mil habitantes e 21 comunidades: Mariquinha, Monte Serrat, Tico Tico, Morro do 25, Morro do Horácio, Morro da Penitenciária, Morro da Queimada e Jagatá, Morro do Céu, Ângelo Laporta, Morro do Duduco, Vila Santa Vitória, Vila Santa Clara, Serrinha, Alto da Caieira, José Mendes, Saco dos Limões, Prainha, Nova Descoberta, Caieira e Mocotó (ARAÚJO, 2005).

A área do Maciço do Morro da Cruz foi habitada desde o começo do século XIX por escravizados negros fugidos de maneira desordenada e precária. São, hoje, as favelas da ilha de Florianópolis.

Há também favelas no Monte Cristo, localizado na zona continental da ilha, composto por 9 comunidades: Chico Mendes, Nossa Senhora da Glória, Novo Horizonte, Panorama, Santa Teresinha I, Santa Teresinha II, Nova Esperança, Grotta, Pasto do Gado. Além das favelas na Ponta do Leal.

2.2. Florianópolis, cidade em disputa

A matéria “Os sem lancha da classe A”, de Henrique Gomes Batista no jornal O Globo (2012), virou piada entre os internautas que buscaram ilustrar a real

situação da cidade de Florianópolis que o autor chamou de “Beverly Hills Catarinense”. A matéria coloca que a população de Florianópolis, que tem “quase metade da população no topo da pirâmide de renda” porque não há marinas o suficiente, sendo essa uma das maiores queixas na capital.

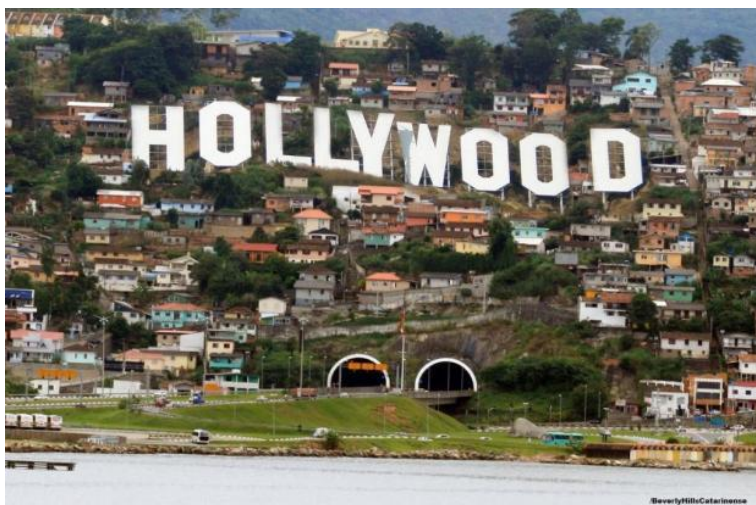


Foto: montagem irônica realizada por internautas em resposta ao artigo “Beverly Hills Catarinense” Fonte: Página de *Facebook* Floripa Mil Grau

Como a ocupação dos morros é limitada, as pessoas, mesmo trabalhando em Florianópolis são forçadas a residirem em favelas do continente ou em cidades-satélite como Palhoça, Biguaçu e São José, em que os preços dos aluguéis são mais acessíveis.

Expressão disso são as ocupações urbanas realizadas em Florianópolis e na Grande Florianópolis¹⁷ nos últimos quatro anos (2011-2014).

A ocupação Contestado começou a ser construída em novembro de 2012 por famílias às quais havia sido prometida o acesso à terra e moradia caso o prefeito de São José (cidade-satélite de Florianópolis) na época, Djalma Berger, fosse reeleito. Com a não reeleição do prefeito, as famílias de trabalhadores/as foram despejadas do local que já ocupavam e ficaram novamente sem ter onde estabelecer-se uma vez que não tinham dinheiro para pagar o aluguel. Mais de dois anos depois as famílias continuaram negociando com a prefeitura e com a União para conseguir um novo terreno. Hoje em dia a Ocupação conta com 102 famílias.

(Facebook Ocupação Contestado)

A Ocupação Amarildo, inicialmente localizada no Norte da Ilha de Florianópolis, região nobre da cidade, foi consolidada em dezembro de 2014, por trabalhadores sem-teto, pessoas de comunidades carentes e pessoas que não tinham mais dinheiro para pagar o aluguel. A região estaria destinada pelo Plano Diretor¹⁸ para a construção de

¹⁷ Florianópolis possui sua região metropolitana localizada na Ilha de Florianópolis e em sua região continental. Sua zona continental é conurbada com diversas cidades-satélite (nuclearmente composta com: São José, Palhoça e Biguaçu e perifericamente por Governador Celso Ramos, Tijucas, Antônio Carlos, Angelina, São Pedro de Alcântara, Rancho Queimado, Anitápolis, São Bonifácio, Águas Mornas e Santo Amaro da Imperatriz), compondo a Grande Florianópolis.

¹⁸ A autora deste trabalho entende a importância do Estatuto da Cidade presente na Constituição Federal da República Federativa do Brasil, mas resolveu não problematizá-lo na ocasião de execução do mesmo: “Parágrafo único. Para todos os efeitos, esta Lei, denominada Estatuto da Cidade, estabelece normas de ordem pública e interesse social que regulam o uso da propriedade urbana em prol do bem coletivo, da segurança e do bem-estar dos cidadãos, bem como do equilíbrio ambiental”.

moradias populares, mas estava sendo utilizada pela especulação imobiliária. O proprietário do terreno, suspeito de um esquema de grilagem de terras, disse que na área estava prevista a construção de um campo de golfe. Diversas famílias de trabalhadores da cidade de Florianópolis, sem moradia ou sem condições de pagar o aluguel, resolveram estabelecer-se no terreno construindo pequenos barracos e exigindo o direcionamento das terras para reforma agrária, destinando-as para pessoas que possuem o direito à moradia apenas na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988¹⁹ e não na prática. Em seu momento de maior mobilização contou com aproximadamente 725 famílias ocupantes. (CSPCONLUTAS, 2014).

A elitização da cidade Florianópolis ligada à especulação imobiliária não passa invisível aos/às moradores/as.

¹⁹ “Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.”



Foto: Intervenção artística problematizando a especulação imobiliária em Florianópolis. Fonte: <http://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/162767-arte-ou-pichacao.html>

Com o crescimento de reivindicações por terra na região metropolitana da grande Florianópolis, grupos de estudantes universitários e cidadãos se organizaram para realizar projetos em apoio às ocupações urbanas e em protesto à forma como vem sendo gerida a cidade de Florianópolis.

Os caros aluguéis, as dificuldades de mobilidade por conta do transporte público sucateado e da má gestão urbana, o posicionamento contrário à aprovação das emendas do Plano Diretor de 2013 que continha facilidades para o estabelecimento de grandes empreendimentos em áreas de preservação e a exigência de maior participação pública e transparência culminaram numa série de manifestações na cidade.

Em relação à mobilidade urbana, Florianópolis já é conhecida por todo ano, há pelo menos 10 anos realizar mobilizações populares pelo Passe Livre, exigindo custo zero para movimentar-se pela cidade. (Fundador do MPL

fala sobre o movimento, as jornadas de junho e o Tarifa Zero, 2013)

Uma das responsáveis pela intervenção artística na foto acima problematiza seu ato:

Esta intervenção denuncia a política de espetacularização imobiliária e o processo de leiloamento da cidade, que tem como catálogo o plano diretor aprovado pela atual gestão do município.”, disse a integrante do Grupo E. T. C. Júlia Oliveira, que faz graduação em artes na UDESC. O Grupo E.T.C. começou a realizar a interferência “Cidade à Venda” em maio de 2013, e mais de 40 intervenções foram espalhadas pela cidade (DIOGO, 2014).

Os/as intervencionistas passaram por um processo judicial que busca condená-las por atentado ao patrimônio público e vandalismo.

A manifestação contrária às emendas do Plano Diretor da cidade de Florianópolis, em dezembro de 2013, também foi fortemente repreendida e criminalizada, para deter a manifestação pacífica foi chamado o Grupo de Resposta Tática da Polícia (GRT) como pode-se observar na imagem abaixo:



Foto: Repressão à manifestação contrária à aprovação das emendas ao Plano Diretor de Florianópolis em 2013. Autor: Alexandre Beck

Outro caso que vem gerando polêmica acerca da administração da cidade é o da Ponta do Coral.

Em 1980, a Ponta do Coral, localizada na Avenida Beira Mar Norte de Florianópolis, região central, foi vendida para a iniciativa privada. Em 2000 foi realizado um projeto pelo vereador Mauro Passos para destiná-la à uma área de lazer, foi aprovado em 2002. No entanto em 2005 este projeto apareceu modificado, possibilitando o aterro e a construção de um empreendimento privado. Este empreendimento seria o Hotel Marina Ponta do Coral, visando assim, que o ponto vire um atrativo para turistas (SANTOS; FRANTZ, 2013).

Desde então vem sendo realizados por grupos contrários à construção do hotel na região diversas manifestações, principalmente artísticas, com intenção de ocupar o local permanentemente e demonstrando o tipo de atividades que poderiam ser realizadas caso fosse realizado o projeto de um parque público na área.

Hoje em dia, com as redes sociais da internet, fica mais fácil publicizar opiniões pessoais sobre acontecimentos públicos. Exemplo é o internauta Fernando Fernandes, que se expressou sobre a reforma na região do Mercado Público de Florianópolis por meio do *Facebook*:

Fernando Fernandes

A CIDADE “MAIS HUMANA” DO
PREFEITO CESAR SOUZA JUNIOR

Um tapa na cara dos manehzinhos da ilha, daqueles que gostavam de comer bolinho de banana por 1 real, almondega por 2 reais, ou daqueles que gostavam de ir comer uma tainha frita.

Será que o prefeito Juninho não tem vergonha do que está acontecendo com o nosso Mercado Público e principalmente com a nossa cidade. Será que esse prefeito mirim já tomou uma laranjinha no vão central do Mercado Público? Afinal, será que o prefeito Junior tem vergonha de ser manehzinho, de ser nativo?

Nem parece o menino da ilha que o marqueteiro da campanha eleitoral transformou em coitadinho, mostrando a fazenda do avô no sul da ilha, tampouco parece aquele candidato a prefeito que repetia em todo programa eleitoral que queria uma cidade "mais humana".

É meus amigos, chegar num Mercado Público e encontrar uma franquía do BOBS, vendendo lanches a 20 reais, no lugar do manehzinho da ilha que vendia um bolinho de banana, almondega e pastel de berbigão a 2 reais, é "pácaba".

Mas, o prefeito deve ter razão, o turista vai adorar vir para cá provar um lanche do BOB, até porque o lanche do Bobs é realmente muito tradicional, faz parte da história da nossa cidade. Enfim, fica a saudade do box do Seu Plácido e da Dona Angela, autênticos manehzinhos da ilha, que faziam de forma caseira as delícias de Floripa.

— com Plácido Plácido.

Esta postagem na rede social *Facebook*, realizada no dia 26 de novembro de 2014, teve 2825 curtidas e 1455 compartilhamentos.²⁰ Ela traz dois elementos que chamam a atenção: a busca da tradicionalidade e da regionalidade, trazendo à tona sentimentos relacionados à identidade manezinha²¹ e à acessibilidade em aquisição de produtos (mencionando o preço barato do pastel de berbigão) em contraste com os novos empreendimentos que foram tomando conta do local como a grande rede de *fast food* Bobs, que possui restaurantes em 4 países e é baseada na culinária estadunidense.

²⁰ As “curtidas” no Facebook se referem à pessoas que gostaram, ou que concordam com a postagem. Os “compartilhamentos” se referem à pessoas na rede social que acharam o texto da postagem suficientemente interessante para ser compartilhado com seus amigos da rede social.

²¹ São denominados manezinhas-da-ilha as pessoas nativas de Florianópolis.

Ocorre, como Zukin colocou em suas análises (2006), a apropriação cultural solidificada na mudança da paisagem. Mantém-se a arquitetura e o ar “açoriano” da ilha de Florianópolis, mas em oposição ao vernacular, a paisagem se impõe moderna e globalizante.

2.3 Globalização e a disputa inter-cidades

A partir do século XIX houve a expansão da sociedade capitalista de massas. Houve também a dissolução gradativa da esfera pública e privada, transformando-se numa zona intermediária. O Estado se privatiza, principalmente no campo econômico e a opinião pública passar a ser intermediada e vendida pela indústria cultural que maneja a mídia e os meios de comunicação. (VAZ, 1991)

Essas características do contexto sociopolítico da modernização urbana, hoje em dia tem mais destaque na globalização e na disputa entre cidades de Smith (2006) tendo assim, o âmbito privado influência nas políticas urbanas, muitas vezes deixando de atender às demandas da população. De acordo com Vaz (1991) as políticas urbanas do século XX na cidade de Florianópolis estavam sujeitas ao partidarismo político, ao imediatismo e à lacuna existente entre a teoria e a prática dos técnicos:

Os órgãos de planejamento urbano municipais, sujeitos aos ventos da política partidária e frequentemente limitados ao imediatismo, veem em seu horizonte reduzir-se a mandatos do Poder Executivo. O mesmo acontece em órgãos estaduais ou regionais. Padecem de persistente distanciamento em relação às comunidades às quais devem prestar contas ou a quem devem servir. As definições e diretrizes urbanísticas oriundas destes órgãos,

graças ao processo centralizado de decisões não encontram suficiente apoio na sociedade civil para sua implementação. Assim, a prática de gestão da cidade continua ao sabor do pragmatismo e das rotinas burocráticas, enquanto que os planos de desenvolvimento são referenciados em fórmulas importadas. (...)Efetivamente, a maior dificuldade é a persistência de estruturas de organização administrativa nas instituições públicas resistentes às práticas integradas e interdisciplinares, inclusive nas instituições de pesquisa. (p. 17)

O contraste entre local e global, tradicional e moderno, são marcas da urbanização recente e da gentrificação. Smith (2006) já notava o apelo à justificativa de reforma para preservar o patrimônio em 1970 nos Estados Unidos. A forma como são organizados os monumentos no espaço tem um significado simbólico. No caso de Florianópolis, Vaz (1991) chama a atenção para a Praça XV de Novembro:

(...) O destaque dado à praça no modelo de cidade colonial portuguesa, assume um significado simbólico e monumental do Poder real, mas destina-se também a dar guarida às atividades coletivas da população dispersa.” E também que: “A segregação de funções atua no sentido de aglutinar atividades assemelhadas expulsando as outras. Este processo, primeiramente, tende a setorizar as próprias atividades do centro e, num

segundo momento, pode especializá-lo definindo padrões com predominância de algumas atividades, segregando as outras e expulsando-as para outras áreas. (VAZ, 1991, p. 25)

A perspectiva mercadológica no trato do patrimônio histórico é uma das características do fenômeno de gentrificação para a qual Rogério Proença Leite (2010) chama a atenção.

Neste caso, o patrimônio histórico no espaço público passa a ser tratado como alegoria e entretenimento. Exemplo que o autor traz para ilustrar o fato é o que ocorreu com o Pelourinho após a “revitalização” urbana em Salvador: o Pelourinho na segunda metade do século XX, ainda que deteriorado, mantinha sua significação simbólica, local de memória onde eram punidos e expostos publicamente os escravizados. Após a revitalização o Pelourinho transmutou-se em local de festa e comemoração. Um lugar que antes remetia à memória da cidade, passou a ser local de entretenimento onde as pessoas se reúnem para dançar axé.

Com o arcabouço de proteção do patrimônio histórico e cultural, resvala-se o significado principal que estas estruturas possuíam e mantém-se o visual e a paisagem, de preferência da forma mais colorida possível.

O bairro antigo do Recife foi revitalizado após décadas de sua reforma urbana aos moldes de Haussman²². Este processo de requalificação urbana, tal qual descrito por Leite (2007), conjecturou-se num processo de revitalização de maneira complexa.

²² Haussmann foi responsável por uma das reformas urbanas mais conhecidas e referenciadas. Seu modelo consiste basicamente no alargamento das ruas e calçadas para facilitar as manobras militares. Também busca higienizar fachadas, padronizando-as. (BENJAMIN, 2009)

Há dentre as etapas da gentrificação do Bairro o fortalecimento da administração por parte do Estado. As parcerias entre o governo e o capital privado tornam-se norma, e também a injeção do capital na municipalidade por parte do Estado.

Nas cidades da América Latina não se configura uma gentrificação clássica aos moldes de Neil Smith, apesar de em alguns casos possuir características semelhantes. As três etapas da gentrificação não se dão da mesma forma por motivos históricos: os países da América Latina tiveram uma modernização tardia em relação à Europa ou aos Estados Unidos da América.

No Brasil, nos espaços públicos num país com tamanha desigualdade social, é recorrente a disputa espacial nas capitais dos estados e grandes cidades (bem como no campo). Esta disputa faz-se no dia-a-dia e caracteriza-se pelo convívio de pessoas de classes média e alta com pessoas de classe baixa. Essa convivência alterna entre tranquila e tensa.

Hélène Rivière d’Arc, pesquisadora francesa, estudou a gentrificação na cidade de São Paulo. Notou a convivência em regiões miseráveis e degradadas com usuários de drogas, traficantes e assaltantes em concomitância com a classe média ou alta que frequenta alguns de seus bairros como o Bexiga, a área da República e Liberdade. A autora coloca esta convivência como mistura “espacial, urbana e histórica” (HELENE D’ARC, 2006)

D’Arc ainda afirma que por conta da alternância de partidos e perspectivas na administração da cidade, é difícil haver continuidade nos projetos urbanos de São Paulo.

Importante é notar que em nenhum caso brasileiro verifica-se a gentrificação clássica de Smith:

“Todas as experiências relatadas mostram que o modelo da

gentrificação de Smith não se verifica naquelas realidades, ainda que sirva como uma espécie de orientação para a pesquisa. Ficamos com Crieikingen quando este afirma que nossos estudos devem focar dois campos de observação: o da manifestação global na escala local e o das características socioespaciais sobre as quais ela se desenvolve.” (D’Arc apud Gianella)



Foto: À esquerda Comunidade Pastinho no Mont Serrat em Florianópolis e à direita a Avenida Beira-Mar na região central de Florianópolis. Fonte: acervo NAUI 2013

Capítulo 3 – Revitalização da Rua Vidal Ramos

A Rua Vidal Ramos está localizada no Centro Histórico de Florianópolis e tem como principal característica o fato de ser uma rua comercial com diversas lojas, restaurantes e serviços variados no térreo. Nos prédios que possuem andares superiores predomina a existência de atividade de profissionais liberais e residências fixas de moradores. É marcada na rua a presença de construções do período anterior à modernização da cidade e prédios de construção recente.

A organização do projeto de revitalização da Rua Vidal Ramos começou em 2008 como demanda dos lojistas que queriam melhorias na rua. Eles sentiam que o comércio da região do Centro Histórico de Florianópolis estava enfraquecido e a região esquecida e abandonada. Atribuíram esse abandono à transferência do consumo das pessoas ao shopping, também percebendo que os turistas acabavam visitando o Mercado Público de Florianópolis e seu entorno próximo em outro núcleo da região central da cidade, deixando assim de passar pela Vidal Ramos, diminuindo a quantidade de consumidores na referida rua.

Foi a partir desses problemas vislumbrados pelos lojistas que começou a parceria público-privada dos seguintes órgãos:

- a) Associação Comercial e Industrial de Florianópolis – ACIF, com participação dos lojistas da Rua Vidal Ramos associados responsáveis pela iniciativa de realizar a revitalização;
- b) Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas Santa Catarina – SEBRAE, como orientação aos lojistas para atrair mais consumidores;
- c) Prefeitura Municipal de Florianópolis, contando com o Instituto de

Planejamento Urbano de Florianópolis
– IPUF que possui técnicos
especialistas responsáveis pela
elaboração do projeto de revitalização -
e com o setor de obras.



Foto: Rua Vidal Ramos durante as obras



Foto: Rua Vidal Ramos após as obras

O resultado do projeto de revitalização - o *Open Shopping* Vidal Ramos – foi inaugurado no dia 15 de março de 2012 e as mudanças feitas em relação à estrutura física foram: em relação à cor da rua (pintada de vermelho para sinalizar que é para uso tanto de pedestres quanto de carros); a fixação de placas com o novo limite de velocidade máxima permitida para carros – 20 km/h; a instalação de bancos e lixeiras em frente às lojas (dispostas ao longo de toda a rua); a padronização de letreiros com os nomes das 56 lojas ao longo da rua; a construção de um toldo sobre a calçada para os pedestres; a instalação de paraciclos; instalação de iluminação especial; a pavimentação; e um sistema de esgoto melhor.

A Rua Vidal Ramos tem como marco histórico o reconhecimento como lugar de points badalados de Florianópolis em que os jovens se reuniam principalmente na creperia Degrau, escadaria do Rosário. Tais points foram fechados e a rua deixou de ter esse destaque e importância na cidade, o que foi considerado para os

lojistas um abandono do público, sem contar nas desvantagens comerciais que o esvaziamento da rua trouxe.

No projeto elaborado pelo IPUF consta a preocupação com a identidade do local para que o mesmo não seja descaracterizado, a ideia é de que a rua antes considerada charmosa e badalada seja reativada como tal e volte a atrair consumidores.

A Vidal Ramos com a revitalização e transformação em open shopping faz questão de reafirmar seu caráter diferencial, a rua é “para todos e de todos”, mas há certa forma de agir própria da construção de imagem do local. De acordo com uma das lojistas intimamente ligadas com a elaboração do projeto de revitalização:

A rua sempre teve esse diferencial, sempre foi uma rua mais charmosa, mais estilosa. A revitalização reavivou este caráter que estava adormecido. Pegou imagem de conceito de modernidade.

3.1 Distinção e espetacularização

A partir desta contextualização, exponho neste ponto (“distinção e espetacularização”) descrições e alguns resultados da pesquisa anterior²³ que impulsionaram o presente projeto de TCC.

Observei na pesquisa alguns aspectos ligados à higienização social e à visão elitizada do espaço urbano que se fazem presentes, por exemplo, no discurso da presidente da ACIF da Rua Vidal Ramos ao ser

²³ “Cidade e Patrimônio. Formas de fazer a cidade e formas de fazer na cidade”, 2012.

questionada sobre o porquê da presença mais assídua de vendedores ambulantes nas ruas comerciais próximas ao Mercado Público e não na Vidal Ramos:

Não atraímos esse tipo de pessoa (vendedores ambulantes), é raro que apareçam e é uma característica da rua. Ontem mesmo apareceu um vendedor (ambulante) com megafone. (...) Mas eu já estava saindo lá na frente e falando que por aqui nós não gostamos desse tipo de coisa. Porque se vem um daí vem outro e já viu. Nos policiamos aqui na Vidal para ter esse diferencial.²⁴

Com projetos desta envergadura, intenciona-se manter um “padrão-shopping” e aproveitar de características geralmente atribuídas ao shopping - como presente no próprio nome que se escolheu para esta nova fase da Rua: *Open Shopping* - como segurança e conforto, mediando os usos do pedestre. Para Sennett (2007), uma expressão do novo capitalismo nas cidades é a tendência à padronização do ambiente que busca tornar os espaços menos estranhos e sanar essa sensação de perigo, substituindo-a pela de conforto, aliada à possibilidade de estabilidade visual homogeneizada.

Alguns pedestres que entrevistei identificavam a rua como “gostosa”, “elegante”, de “bom gosto”. Mas a maioria dos entrevistados mal tinha notado as diferenças e quando eu fazia perguntas sobre a revitalização, olhavam para a rua e começavam a notar as mudanças feitas para

²⁴ Entrevista concedida durante a pesquisa “Cidade e Patrimônio. Formas de fazer a cidade e formas de fazer na cidade” em maio de 2012.

poder comentá-las. Fato dado por esta ser predominantemente um local de passagem.



Foto: placa (a que chamaram de totem²⁵) na esquina da Rua Arcipreste Paiva com a Rua Vidal Ramos, a apresentação da placa marcou a cerimônia de inauguração do resultado do projeto de revitalização no dia 15/03/2012.

A fala da presidente da ACIF da Rua Vidal Ramos bem como os dizeres do “totem” pretendem remarcar o

²⁵

Disponível

em:

<http://www.economiasc.com.br/index.php?cmd=comercio&id=10343> ; e <http://www.allpresscom.com.br/blog/tag/vidal-ramos/> Acesso em 16 de junho de 2015.

caráter diferenciado que se acreditava que a rua tinha desde a época em que era considerada badalada nos anos 1970 e 1980 pela presença de *points* que, de acordo com relatos, foi “bem frequentada”, intencionando-se remontar cenário semelhante. Na execução da revitalização seguindo o projeto elaborado pelo IPUF, as edificações consideradas de importância histórica na rua foram restauradas, evitando-se que nelas sejam pendurados cartazes, sejam pichadas ou depredadas de alguma maneira, sempre elucidando a importância do patrimônio histórico da rua para a cidade e dando instruções quanto ao trato do mesmo.

Não faltou no dia da inauguração a presença do então prefeito da cidade de Florianópolis, Dário Berger²⁶, eleito pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), ao qual não faltaram as menções de grande amigo pessoal da presidente da ACIF e os agradecimentos.

As modificações da rua após o processo de revitalização foram amplamente divulgadas por jornais e rádios, tendo a distribuição de um expressivo catálogo de 24 páginas de um jornal diário de Florianópolis, o Diário Catarinense, para promover o Dia das Mães, que contou com desfiles a céu aberto. Este tipo de programação, chamada “programação cultural”, que conta com shows, desfiles e exposições, foi programada aos moldes da Rua Oscar Freire²⁷ e é patrocinada pelo SEBRAE, que vem ofertando cursos de capacitação para os lojistas, buscando atrair clientes carregando um forte discurso empreendedor centrado em quatro pontos: “vender e vender mais; de olho

²⁶ Prefeito de Florianópolis de 1 de janeiro de 2005 a 31 de dezembro de 2012

²⁷ Rua conhecida por suas lojas luxuosas de grifes internacionais com roupas de alta costura atraindo consumidores de várias partes do país, localizada na cidade de São Paulo.

no meu negócio; estamos aqui; juntos para acontecer”. Estes eventos costumam ocorrer em datas comerciais como Dia dos Pais, Dia das Mães, Páscoa, Dia dos Namorados, Natal, entre outros, contando com divulgação em redes sociais virtuais (<https://www.facebook.com/pages/Vidal-Ramos-Open-Shopping/1480875232181588?fref=ts>). em que ocorre movimentada interação de uma parcela de indivíduos presentes no cotidiano da Rua que comenta as fotos dos eventos. Os eventos reservam uma participação social em que é importante ver e ser visto, ou seja, há a mobilização de status e popularidade geralmente marcada geralmente por lojistas da Rua associados à ACIF e indivíduos em cargos políticos (vigente ou pretérito) que participaram ativamente do projeto de revitalização da Rua e procuram frequentemente “aumentar seu padrão”.

No Dia dos Namorados de 2012 buscou-se pelos lojistas proporcionar maior interação do público com a história da Rua, havendo o “Concurso Cultural Dia dos Namorados *Open Shopping* Vidal Ramos” em que as pessoas que frequentam a rua deveriam deixar um recado e amor para a Vidal Ramos. Os cinco primeiros colocados foram lojistas da própria rua. O evento foi patrocinado pela Fecomércio Santa Catarina²⁸ com apoio da Prefeitura Municipal, IPUF, FACISC²⁹, Costão do Santinho³⁰,

²⁸ Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo - representante dos interesses e da atuação do terceiro setor no âmbito estadual.

²⁹ Federação das Associações Empresariais de Santa Catarina - reúne a nível estadual as associações comerciais e industriais.

³⁰ Costão do Santinho trata-se de um famoso *resort* de luxo localizado na praia do Costão do Santinho no norte da ilha de Florianópolis.

Restaurante Ostradamus³¹ e realização da ACIF e do SEBRAE.

As frases retratam um pouco da percepção dos próprios lojistas sobre a rua:

1º lugar – Paulo Rodrigo Ferreiro – Loja Fratellanza

“Através de ti pessoas em e vão, olhares se cruzam, braços se esbarram e inspirados em sua beleza, corações se unem.”

2º lugar Amélia Maria de C. Rocha – Long Beach

“Os anos passaram desde o Desterro e com pinceladas de artista na sua reforma ficastes lindaa e acolhedora. Parabéns Vidal Ramos.”

3º lugar – Mônica Rosa – Rossela Calçados

“A rua não é só minha, mas mandaram ladrilhar com pedrinhas de brilhantes para o meu amor passar.”

4º lugar – Giselle Marques Pamplona – Duna Casual

“Vidal Ramos seu encanto fascina, da mulher a menina.”

5º lugar – Maria Eduarda Santos – Fratellanza

“Do estilo açoriano das casas ao pianista exalando harmoniosa música para os que passam, a Vidal conquista o coração de todos que admiram a real cultura local.”

O SEBRAE também realizou pesquisas de mercado sobre os frequentadores/consumidores da rua para amparar o projeto de revitalização.

Ao pisar na rua os pedestres devem ser lembrados sobre os bons modos do convívio social, ao mesmo tempo em que para experienciá-la por completo, devem amá-la.

³¹ Ostradamus é um restaurante especializado em frutos do mar localizado no Ribeirão da Ilha, no sul da Ilha de Florianópolis, bastante frequentado por turistas.

Reafirmando a diferença da mesma perante as demais ruas, não tão harmoniosas com amplificadores de som em frente às lojas recitando as promoções do dia ou com os ambulantes oferecendo produtos, panfleteiros de lojas distribuindo papéis geralmente depois jogados ao chão. A ideia no projeto urbano é a construção de uma imagem de que a Rua não é “para qualquer um”; ela pretende selecionar um tipo de público e status.

Bourdieu em A distinção (2007) busca desmitificar as estruturas relacionais existentes nos diferentes gostos, desconstruindo assim a ideia de que os gostos são inatos. Para ele a estética aprazível é também uma forma de distinguir e classificar, ou seja, um dispositivo por meio do qual cada um se coloca “em seu lugar”. O que está no cerne dessa distinção é a oposição entre o esteticamente admirável, ligado ao gosto burguês; e o de gosto “bruto” que não possui um olhar crítico ou refinado, ligado ao gosto popular.

3.1.1 Estratégias de marketing: ver e ser visto

Nosso tempo sem dúvida... prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser... O que é sagrado para ele, não passa de ilusão, pois a verdade está no profano. Ou seja, à medida que decresce a verdade, a ilusão aumenta, e o sagrado cresce aos seus olhos de forma que o cúmulo da ilusão é também o cúmulo do sagrado. (Feuerbach apud Debord, 1997, p. 13)

Toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa

acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente se esvai na fumaça da representação. (DEBORD, 1997, p. 13)

Um dos principais aspectos da revitalização é o da espetacularização em torno dos lugares, tornando-os palcos de simulacros, representações urbanas que como Harvey coloca, cria condições para um mundo de ilusões. É ressaltada a historicidade da cidade e reutilizada de forma mercantilizada.

As relações entre espaço público e imagens da cidade contemporânea passam hoje inevitavelmente pelo processo de espetacularização urbana contemporânea, que é um dos maiores responsáveis tanto pela negação dos conflitos e dissensos no espaço público contemporâneo quanto pelo empobrecimento das experiências corporais nestes espaços e, sobretudo, pela negação, eliminação ou ocultamento da vitalidade dos espaços mais populares das cidades, que buscam se tornar midiáticas e espetaculares. (JACQUES, 2009)

Este aspecto de supervalorização da imagem para o sociólogo Rogério Proença Leite (2012)³² é um dos cinco fatores que caracterizam um processo de gentrificação: forte apelo visual; reinterpretações justapostas de estilos arquitetônicos; ênfase na monumentalidade;

³² Em exposição do professor Rogério Proença Leite na Mesa Redonda (MR) 28, Intitulada Patrimônio: sua dinâmica em espaços urbanos e em âmbitos institucionais, na 28ª Reunião Brasileira de antropologia (RBA) realizada em São Paulo entre os dias 2 e 5 de julho de 2012.

espetacularização da cultura e da história; e perspectiva mercadológica no trato do patrimônio histórico.



Foto do desfile de moda “Vidal *Fashion Day*” em outubro de 2013. Fonte: página do *facebook* “Vidal *Fashion Day*”.



Imagem: Campanha publicitária do catálogo de Dia das Mães lançado pelo jornal Diário Catarinense

“Luxo, glamour e fama”

Na Rua Vidal Ramos, como já mencionado, frequentemente ocorrem ações publicitárias em datas comemorativas. Acompanhei o desfile organizado no dia 23 de outubro de 2013, chamado Vidal Ramos Fashion Day, evento que ocorre anualmente.

Neste evento ocorrem desfiles temáticos de cada loja associada à ACIF, ficando de fora as lojas que não participam da associação.

Neste dia a Rua é fechada e é montada uma passarela. Há um mestre de cerimônia que narra os acontecimentos de maneira entusiasmada.

Como ocorreu no período da tarde, em horário comercial, os/as participantes foram em sua maioria trabalhadores das lojas e pessoas idosas. Notava-se que alguns moradores dos prédios em cima dos

estabelecimentos comerciais assistiam ao desfile de suas janelas.

Um morador de rua acompanhou boa parte do desfile, mas pouco antes do fim foi convidado por um dos organizadores a se retirar do local, pois estaria atrapalhando.

Tornou-se claro que a maioria das pessoas assistindo e participando do desfile se conhecia, dando uma impressão de “vizinhança”.

Chamou a atenção um funcionário do Restaurante Mirantes desfilando com pés de alface como mostra a foto acima. Desfiles na Rua Vidal Ramos são bem diferentes dos desfiles nos quais foram inspirados, os da Rua Oscar Freire. Na Rua Oscar Freire, já mencionada, ocorre o desfile de grandes marcas com modelos renomadas. Não há espaço para o clima de vizinhança e informalidade que o desfile numa capital menor como Florianópolis tem de peculiar e característico.

Um jornal on-line comemora a beleza e a funcionalidade da Vidal Ramos pós-revitalização: “A vaidade feminina foi privilegiada em todos os sentidos. Com a calçada adequada na Vidal Ramos, os saltos altos estão liberados nos passeios sem interferências de buracos.” (ND On-line). A calçada pode sequer ter sido pensada nesse sentido no projeto que o IPUF embasou na acessibilidade de modelo universal, no entanto, esta observação quanto à vaidade é emblemática para pensar tanto as fronteiras simbólicas, quanto a questão do consumo e a construção da imagem.

Em todo esse cenário que serve como palco para o consumo, vende-se também a ideia da revitalização urbana que possibilita almejar um status específico (base da criação de novas necessidades de consumo) que vende felicidade, acesso a cultura e ao entretenimento, lazer, moda, gastronomia sem realizar uma reflexão crítica sobre a revitalização ou seus aspectos higienistas.

As campanhas publicitárias realizadas especialmente para os eventos da Rua Vidal Ramos trazem imagens assépticas de pessoas realizando compras na rua (vide imagem da campanha de Dia das Mães acima), sempre com famílias de pessoas brancas bem vestidas, dando um ar à paisagem de fundo da rua de cenário, de simulacro, e pouco de uma rua real e dinâmica.

Os eventos reforçam a convivência das pessoas que trabalham na rua e compram nas lojas da rua, reforçando vínculos prévios aos mesmos. Trata-se de uma festa privada, na qual participam os conhecidos, que possuem uma aliança social, como se fizessem parte de um clube, enquanto os passantes e moradores da rua observam o espetáculo. A tensão entre espaço público e espaço privado se acirra e enquanto uns se sentem no direito de controlar quem circula no espaço, outros sentem-se convidados a um ambiente que não os pertence.

Pensar o processo de revitalização urbana como forma de distinção significa compreender tanto a apropriação cultural e histórica utilizadas como a seleção de um determinado tipo de público como usuário da rua, que excluiria a parcela da população ligada ao dito gosto popular que estaria presente nas demais ruas ³³ do Centro Histórico de Florianópolis.

Esta crítica não nega as melhorias físicas realizadas na rua, afinal, para o bem viver urbano, é preciso ter a infraestrutura necessária para o circular das pessoas (consumidoras ou não), dos que fazem o espaço público.

³³ Entrevista concedida por arquiteta do IPUF, uma das responsáveis pela reforma da Rua Vidal Ramos, caracterizando as ruas Conselheiro Mafrá e Francisco Tolentino como “mais povão”, característica que seria enaltecida em futura revitalização dessas duas ruas. Pesquisa de Iniciação Científica Cidade e Patrimônio. Formas de fazer a cidade e formas de fazer na cidade entre março e dezembro de 2012.

Para tanto, a seguir, apresentar-se-á a seguir, a análise de outra revitalização pensada em moldes distintos às realizadas por inspirações em ambientes elitizados urbanos.

Capítulo 4 – Revitalização Feira Permanente Viva a Cidade

Há onze anos o Terminal Urbano Cidade de Florianópolis, localizado no Centro Histórico, deixou de ser utilizado pelas linhas interbairros de Florianópolis e passou a ser utilizado apenas por algumas linhas intermunicipais. Isto gerou um esvaziamento da região comercial no entorno do terminal, e diz-se abandonada desde então (FRANTZ, 2012).

Para tentar revitalizar o espaço está sendo implantado o projeto Feira Permanente Viva a Cidade, que consiste na realização de uma feira de artes e usados todos os sábados das 9h às 16h.

O idealizador do projeto urbano é o arquiteto e urbanista Dalmo Vieira Filho, criador do projeto “Urbanismo sensível, uma Nova Modernidade para Florianópolis” em entrevista declarou que aposta nas centralidades, em criar pontos de “acupuntura urbana”, novas centralidades locais de forma a melhorar a mobilidade urbana em Florianópolis.

O jornal eletrônico NDonline, na mesma matéria, destaca positivamente o direcionamento das políticas urbanas de Florianópolis vinculadas ao projeto de cidade pensado para o Open Shopping Vidal Ramos:

Transformar o centro histórico de Florianópolis num verdadeiro open shopping, com conexões urbanas que estimulem as atividades comerciais e sociais, é um desafio que parece estar cada vez mais próximo da realidade e que deve ser assumido pelo prefeito eleito Cesar Souza Junior. A Vidal Ramos já é uma realidade e a Jerônimo Coelho são dois exemplos de como transformar o

velho em contemporâneo, sem afetar a leveza histórica (DAMIÃO, 2013).

A localização do trecho em que ocorre a Feira Permanente está entre as Praças XV de Novembro e Fernando Machado e as ruas “Antônio Luz, Nunes Machado, João Pinto, Tiradentes e Travessa Ratcliff, onde ocorre a Feira de Artes e Usados. Já as ruas Victor Meirelles e Saldanha Marinho integram as ações do Corredor das Artes”.

Os realizadores do projeto são a Prefeitura Municipal de Florianópolis e a Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL). O projeto conta com a participação de diversas Secretarias Municipais como de turismo, meio ambiente e desenvolvimento urbano, entre outras.

Em reportagem ao NDOONLINE em 2011, Saraga Schiestl enuncia os contrastes do Centro Histórico de Florianópolis elucidando as diferenças entre a Rua Vidal Ramos e o Calçadão da Rua João Pinto:

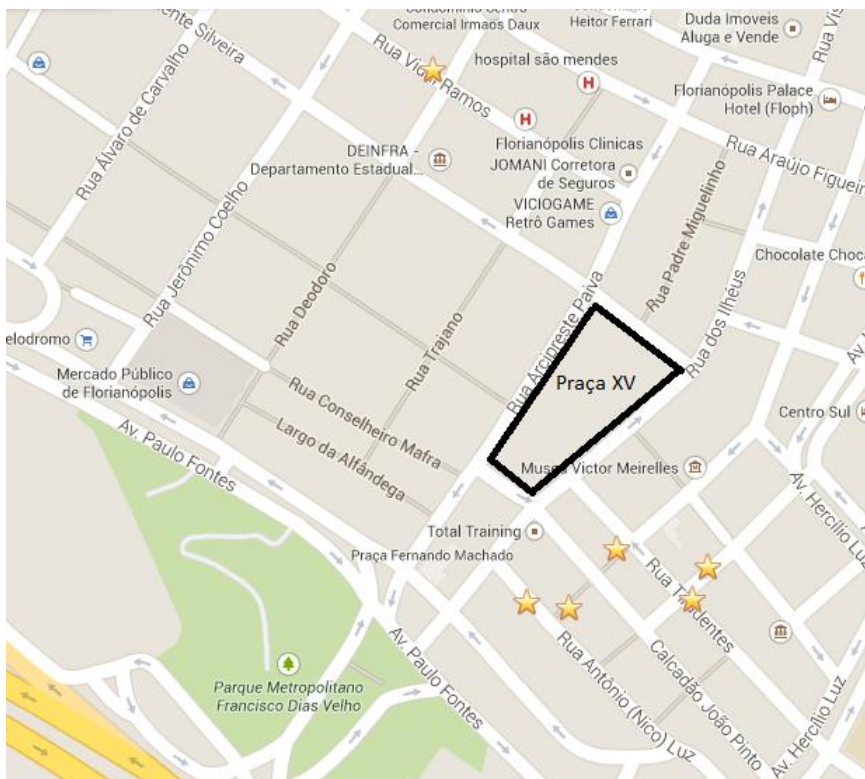
Se forem colocadas lado a lado, Vidal Ramos e João Pinto têm diferenças que chocam. Enquanto na primeira os comerciantes aguardam por flores que deixarão o local ainda mais atraente, na segunda, os pedestres andam com os narizes tapados por casacos, blusas e lenços. Qualquer coisa para evitar o desagradável cheiro sentido em toda a extensão do calçadão.

De fato, a região da Rua Vidal Ramos à oeste da praça XV e a região da Feira Permanente Viva a Cidade, a leste da Praça XV possuem diferenças relevantes. Enquanto a região à oeste possui mais prédios modernos, maior circulação de pessoas durante o dia e maior

quantidade de prédios com grandes marcas de serviços (bancos, casas lotéricas, correios e hotéis); a região à leste possui características mais boêmias, como antigos bares em construções históricas, um grande número de sebos, pequenas lanchonetes e botecos.

Nesse sentido seria interessante pensar em projetos que abrangessem o Centro Histórico em sua totalidade, mas, em entrevista a uma arquiteta do IPUF³⁴, o que há é um projeto comum para os edifícios patrimoniais. Em geral, os projetos de revitalização são segmentados de acordo com os usos das ruas e das diferentes localidades do Centro Histórico.

³⁴ Entrevista realizada dia 23 de abril de 2012.



Mapa: à oeste da praça XV de novembro (em destaque): Rua Vidal Ramos, onde está sendo implementado o Open Shopping Vidal Ramos. Ao leste da Praça XV de novembro as ruas: Antônio Nico Luz, João Pinto, Tiradentes, Nunes Machado e a Travessa Ratcliff, onde ocorre a Feira Permanente Viva a Cidade.

Em entrevista ao presidente da CDL, no dia 2 de maio de 2014, o mesmo afirmou que o compromisso era em aumentar a venda dos pequenos comerciantes da região que há muito tempo realizam manifestações para a melhoria do espaço urbano da região do centro à leste da praça XV de novembro.

No entanto, durante a entrevista, ele colocou que a expressão de crescimento e sucesso de projetos como a Feira Viva A Cidade são a instalação dos estabelecimentos das redes Cacau Show e Subway no local, empreendimentos que não são locais ou fazem parte dos pequenos comércios aos quais supostamente a Feira deveria favorecer. Esses seriam os expoentes da modernização da cidade, atraindo turistas e aumentando o consumo.

O presidente da CDL é responsável por manter a organização da Feira e está presente quase todos os sábados na mesma, organizando os vendedores em suas bancas.

A “Feira Permanente Viva a Cidade”, assim como o projeto “*Open Shopping Vidal Ramos*”, possui uma página da rede social *Facebook* para sua divulgação.

Nestas páginas são divulgadas fotos dos eventos em datas comerciais, no caso do Open Shopping Vidal Ramos, como a campanha de Dia das Mães, Dia Internacional da Mulher, Natal, entre outras, dando constantemente a impressão de simulacro à rua conforme expresso anteriormente neste trabalho.

Na página da Feira Permanente Viva a Cidade são divulgadas fotos das feiras aos sábados, tanto dos/as comerciantes como dos/as transeuntes. A maioria das fotos é espontânea e não há venda da imagem além do que ocorre realmente na feira aos sábados. O que ocorre na página é a promoção da feira e da Câmara dos Dirigentes Lojistas (CDL), a página é controlada e atualizada por uma funcionária da CDL.

Houve uma apropriação da idealização do projeto por parte do atual prefeito da cidade de Florianópolis, César Souza Junior, eleito pelo Partido Social Democrático (PSD) no ano de 2012.

Mesmo que as reformas tenham surgido de debates anteriores dos lojistas, o prefeito recebe as glórias

pelo sucesso do projeto. Ao comentar os resultados, induz a injeção de capital no local:

O projeto está dando muito certo e trouxe nova vida para a área. Para quem quer investir hoje na cidade, eu recomendo investir aqui, pois estará fazendo um grande negócio e colherá bons frutos (CEZAR JUNIOR apud PEREIRA, 2015)





Fotos do evento Feira permanente Viva a Cidade de 2015 disponíveis na página de *facebook* “Feira Permanente Viva a Cidade”.

Ao conversar com os comerciantes fixos e com os feirantes da Feira Semanal, é visível a celebração de todos em relação ao aumento do movimento aos sábados. Como os produtos são bem diversificados, a concorrência não incomoda e atrai mais público que costumava passar antes só do lado leste da Praça XV.

O presidente da CDL falou em entrevista que há controle do que será vendido, busca nas bancas de venda comércio originais e busca não aprovar a venda de produtos “chineses”, destes mais comuns em camelôs.

Nas observações realizadas aos sábados de manhã, pude notar que os produtos chamam um tipo de consumidor, a característica boêmia do entorno foi preservada e a área é frequentada por universitários,

antigos moradores e passantes em busca de artesanato diferenciado. Não há como na Rua Vidal Ramos uma vigilância constante dos comerciantes em relação a quem frequenta a rua. Há, no entanto, a presença da polícia militar para evitar roubos aos feirantes. A Feira é aberta e convidativa, um espaço propenso à negociação, conversa, lazer e troca.

Tanto na Rua Vidal Ramos, quanto na região da Feira Permanente “Viva a Cidade” não se notam as três etapas da gentrificação clássica, como já era previsto visto às pesquisas de estudo sobre gentrificação na América Latina e no Brasil. Existe muito mais a tentativa de delimitação dos usos do espaço público, e de enobrecimento da região comercial, não afetando por enquanto, moradores da região ou os preços dos aluguéis.

Nota-se no entanto, o mapeamento do poder de acordo com a formação de grupos que possuem interesses diferentes na cidade sendo os principais atores de mudança da paisagem urbana a administração municipal e os/as comerciantes das ruas.

4. 1 *Pub Crawl*: uma festa privada no Centro Histórico de Florianópolis

Ao entrar em contato com os responsáveis pelas transformações ocorridas em ambas os casos de requalificação do espaço urbano (arquitetos e representantes dos comerciantes), uma vez que as regiões comerciais mesmo com as requalificações urbanas não possuem nenhum projeto para o período noturno, foi-me indicado o acompanhamento de um evento chamado *Pub Crawl*.

O *Pub Crawl* consiste num tour pelos bares do Centro Histórico de Florianópolis, principalmente na região em que ocorre a Feira Permanente Viva a Cidade.

Como as atividades comerciais se encerram entre 18 e 20 horas, a região central possui pouco movimento à noite, e não é de fato seguro arriscar-se a caminhar sozinho/a pela região após o anoitecer. Neste horário não há a vigilância dos comerciantes, há pouco trânsito policial e são inúmeros os relatos de assaltos dos que se aventuram a sair sem companhia. O modelo de evento *Pub Crawl* foi inventado na Europa e importado para o Brasil.

Participei do *Pub Crawl* no dia 18 de abril de 2014, uma sexta-feira e feriado de Páscoa, aproveitei que um amigo de São Paulo visitava a cidade e o convidei para saber sua impressão sobre o evento. Às 21 horas marcamos de encontrar com mais uma amiga na fonte do Largo da Alfândega, região que tem forte cheiro de urina e a esse horário é frequentada apenas por moradores de rua. Por conta de seu atraso e por não nos sentirmos seguros no ponto de encontro, preferimos esperar num bar mais à frente, na esquina, onde havia uma viatura policial.

Quando nossas amigas chegaram fomos ao Bar do Noel, primeiro *point* de onde saía o tour do evento. O Bar do Noel trata-se de um bar em uma rua chamada Travessa Ratcliff, fica na região onde ocorre a Feira Permanente Viva a Cidade, à oeste da Praça XV de novembro. O bar faz parte da cena do centro histórico de Florianópolis, assim como a Travessa. Do segundo andar se vê as claras indicações do prédio da frente – 1895. Meu amigo de São Paulo tinha a impressão que de tão antigo o prédio poderia cair a qualquer momento.

Chegamos à Travessa Ratcliff onde fica o Bar do Noel e me surpreendi ao ver que não havia ninguém. Normalmente a travessa fica cheia devido ao movimento nos bares, mas por causa do feriado estava erma. Subimos ao segundo andar do Bar do Noel e nos esperavam pessoas fantasiadas de super-heróis – Lanterna Verde, Robin, Mulher Maravilha e até Jesus estava presente. Pensei que era festa à fantasia e ninguém tinha me avisado, já estava

com medo de passar vergonha de ter levado meus amigos nesse evento que imaginava que seria para “turista ver”.

O evento custa 65 reais para homens e 50 reais para mulheres. Incluindo a entrada em 2 bares e por fim numa balada (boate). No primeiro bar, o Bar do Noel, o esquema era de *open bar* de cerveja, ou seja, todos que tivessem a pulseirinha entregue na entrada tinham direito a beber a quantidade que quisessem de cerveja, aos indivíduos desse grupo identificado com a pulseirinha era dado o nome de “*crawlers*”. Neste dia, por conta do feriado, o dono do Bar do Noel tinha concordado em fechar o bar apenas para o evento.

O organizador do evento é Raony Osni, dono de uma pensão em que moram estudantes, e quem o ajuda em sua organização são estudantes moradores de sua pensão. O evento é apoiado pela ACIF e pela CDL, mas não recebe nenhum incentivo financeiro. Tanto ele quanto seus ajudantes foram solícitos quando requisitei entrevistas para esta pesquisa.

Ao terminar a primeira etapa no Bar do Noel, o grupo do Pub Crawl dirigia-se junto a outro bar, o Taliesyn que estava aberto para todos os consumidores, não apenas os participante do *Pub Crawl*. Após a parada no Taliesyn, o grupo atravessa a praça não sem antes tirar fotos nos pontos turísticos da cidade: a árvore da Figueira na Praça XV e em frente à Catedral para em seguida tirar fotos em frente ao Mercado Público e no Largo da Alfândega. Como a esta altura a maioria já bebeu bons goles de bebidas alcoólicas, as paradas são muito mais por entretenimento do que para conhecer mais sobre história e cultura locais.



Foto: Grupo de participantes do pub crawl em frente à Catedral.

Fonte: floripapubcrawl.com

Imaginei que a maioria dos frequentadores fossem ser turistas, principalmente de outros países. Estava enganada, mais que metade dos frequentadores eram de Florianópolis, e muitos em entrevistas me disseram que procuravam sair no centro porque era mais “roots”, “underground” e “treva”.

Essas características significam basicamente que existem pontos mais frequentados à noite na cidade de Florianópolis do que o centro, ou seja, os outros lugares são “mainstream”, mais frequentados pela maioria das pessoas. O centro torna-se um local “underground” para se sair na medida em que seu ar de abandono (já que trata-se de um local primariamente comercial e a partir das 19 horas praticamente todos os comércios da região encontram-se fechados) torna-se interessante para aqueles/as em busca de entretenimento alternativo, que muito lembra os ímpetos da nova classe-média de Smith

(2006) ao interessar-se pela zona degradada do centro por essa apresentar um ar boêmio.

Haviam também pessoas de outras cidades do Brasil, de Brasília e Porto Alegre e um turista da Tunísia que se comunicava apenas em inglês. Ele disse que já havia participado de outros *Pub Crawls* em Florianópolis e que geralmente ele era um dos únicos gringos por se tratar de uma festa bem brasileira.

As pessoas pareciam ter entre 20 e 30 e poucos anos (a maioria mais para os 30). Não pareciam ser de nenhuma “tribo”³⁵. A maioria vestia roupas casuais.

Raony informou que as festas do *Pub Crawl* com mais participantes são os que ocorrem no centro durante o Carnaval. Também mencionou que andar em grupo é uma alternativa, que incentiva a cultura e faz campanha para que as pessoas não dirijam se tiverem bebido.

Os patrimônios históricos de Florianópolis como a alfândega, a catedral e a praça XV de novembro com sua figueira são edificações simbólicas, que sem uso perdem parte de sua eficácia. O uso pelo grupo de *pub crawlers* propõe um uso noturno não previsto pelo planejamento municipal. Neste sentido o patrimônio converte-se em alegoria, fazendo parte de uma paisagem de diversão e lazer.

Pode-se entender o *pub-crawl* como uma estratégia de grupos que querem usufruir do centro da cidade no período noturno, em que não há movimentação ou policiamento suficiente na região.

³⁵ Grupos que se identificam de acordo com gostos semelhantes, sejam para roupas, música, filmes ou outros.



Foto: autora do presente Trabalho de Conclusão de Curso entrevistando uma “crawler” no bar Taliesyn

5. Considerações Finais

Análises exclusivamente macrosociológicas ou exclusivamente microsociológicas demonstram-se insuficientes para a compreensão do fenômeno de gentrificação. São necessário o distanciamento para enxergar a conexão com o contexto histórico, social e político e a lente de aumento para observar o que está próximo, as peculiaridades da dinâmica urbana local.

O distanciamento sociológico, no sentido de não cair nos juízos de valor embutidos nos discursos midiáticos, e de publicações científicas com objetivo de esvaziar o significado político do conceito é um exercício indispensável para poder usar-se do conceito de gentrificação como instrumentário ferramental de compreensão dos processos de requalificação urbana do século XXI.

É necessário perceber para além do contato ou não contato entre os atores sociais na cidade quais são os significados simbólicos dados aos espaços, atribuídos por diferentes grupos que planejam e vivem em determinado espaço urbano e os significados criados a partir de seus usos no cotidiano e a potencialidade da ocorrência de contra-usos, táticas vernaculares de ocupação do espaço urbano.

No Brasil ocorrem casos em que se verifica gentrificação como no caso do Bairro Antigo do Recife (LEITE, 2007).

Mas, como coloca, Helene D’Arc, ocorrem ainda tentativas, com elementos gentrificadores que não necessariamente resultam em gentrificação. Mesmo que um espaço seja planejado possuindo características gentrificadoras, há a possibilidade de reverter os usos previstos pelos planejadores urbanos uma vez que a cidade é dinâmica e está em constante disputa. Cada espaço urbano possui sua própria peculiaridade no que concerne

ao mapeamento da cultura e do poder nas cidades pós-modernas (ZUKIN, 2000).

A cidade de Florianópolis está permeada por disputas espaciais desde os primórdios de sua ocupação por colonizadores europeus.

Em uma capital pequena como Florianópolis, as requalificações urbanas são usadas como forma de incentivo aos/as pequenos/as empreendedores/as, porém os interesses dos/as dirigentes e dos/as planejadores/as urbanos/as na maioria das vezes é, que inicialmente esses/as pequenos/as empreendedores/as alavancuem o consumo na região, para valorizar o local, visando no futuro a competição intercidades em relação ao turismo nacional.

Há a solidificação da fase das alianças “público-privadas” características da requalificação urbana, em que são consolidados os interesses da administração municipal e das pequenas empresas a curto prazo, podendo ser de caráter gentrificador quando há a exclusão de determinado grupo no espaço público e estabelecendo diferenciação entre participantes e “watchers”, os/as que assistem (como ocorre no caso do *Open Shopping* Vidal Ramos) ou favorecendo a circulação de pessoas em locais em que previamente havia pouca circulação (como no caso da Feira Semanal Permanente “Viva a Cidade”).

No geral, o interesse da administração municipal não é apenas de permanência dos/as pequenos/as empreendedores/as, o resultado de excelência da requalificação urbana, ocorre quando se estabelecem franquias de grandes marcas nacionais ou internacionais no local, mas sua substituição parcial, transformando Florianópolis assim, numa cidade “*tourist-friendly*”³⁶, um

³⁶ Que não causa grande estranhamento a turistas que não precisam necessariamente consumir produtos do local que estão visitando já que existem produtos parecidos com os do local de onde veio.

local onde o patrimônio é alegoria e remete a um passado tradicional, ligado à caricaturização da cultura açoriana, mas é possível comprar um lanche de marcas de *fast-food* conhecidas internacionalmente.

A paisagem é modificada e há apropriação cultural e espacial.

As cidades pós-modernas, encontram em fase avançada da ideologia neoliberal e como expressão dela, sua sociabilidade centrada no consumo e na produção de imagens, importando muito mais o cenário do que os usos dos espaços. A exacerbação da história e do patrimônio fortalece a criação de simulacros, realizados muito mais para atrair turistas do que para estimular a circulação dos(as) usuários(as) do espaço urbano no cotidiano.

Há ainda uma lacuna na preocupação do uso do espaço público noturno. O espaço central durante a noite esvazia-se, sendo recorrentes os assaltos na região resultando em estratégias dos próprios usuários para circulação no local.

6. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Camilo Buss. As relações entre escola de samba e igreja e os espaços de diálogo dos trabalhadores do Morro da Caixa (Mont Serrat), Florianópolis, 1955-1965. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. **Anais do XXIII Simpósio Nacional de História** – História: guerra e paz. Londrina: ANPUH, 2005.

BATISTA, Henrique Gomes. Os “sem lancha” da cidade classe A. **O Globo**, 14 de outubro de 2012. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/os-sem-lancha-da-cidade-classe-a-6398816>> Acesso em: 14 de outubro de 2014.

BELCHIOR, Douglas. Brasil: o país da Copa e do racismo. 23 de junho de 2014. Disponível em: <<http://negrobelchior.cartacapital.com.br/2014/06/23/brasil-o-pais-da-copa-e-do-racismo/>> Acesso em: 5 de julho de 2014.

BENJAMIN, Walter. Haussmanização, lutas de barricadas. In: **Passagens**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine. Introdução. In: **De volta à cidade**: dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos. São Paulo: Annablume, 2006. Pp.21-58.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Editora

Zouk, 2007.

BRIGADAS POPULARES et al. 07 NOVEMBRO 2012
(BR-SC) Ocupação Contestado nasce hoje em São José!
São José, 7 de novembro de 2012.

Disponível em: <<http://passapalavra.info/2012/11/67022>>
Acesso em: 27 de dezembro de 2013.

CAVALLIERI, Fernando; VIAL, Adriana. IPP/Prefeitura
da Cidade do Rio de Janeiro **Favelas na cidade do Rio de
Janeiro**: o quadro populacional com base no Censo 2010
Disponível em:
<[http://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudoscariocas/download%
5C3190_FavelasnacidadedoRiodeJaneiro_Censo_2010.PD
F](http://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudoscariocas/download%5C3190_FavelasnacidadedoRiodeJaneiro_Censo_2010.PDF)> Acesso em: 5 de novembro de 2014.

D'ARC, Helene Rivière. Requalificar o século XX: projeto
para o centro de São Paulo. In: **De volta à cidade**: dos
processos de gentrificação às políticas de revitalização dos
centros urbanos. São Paulo: Annablume, 2006. PP. 265-
293

DAMIÃO, Carlos. Papo cabeça com Dalmo Vieira Filho.
ND Online, Florianópolis, 28 de dezembro de 2013.
Disponível em:
<[http://www.ndonline.com.br/florianopolis/colunas/ponto-
final/37363-carlos-damiao-papo-cabeca-com-dalmo-
vieira-filho.html](http://www.ndonline.com.br/florianopolis/colunas/ponto-final/37363-carlos-damiao-papo-cabeca-com-dalmo-vieira-filho.html)> Acesso em: 29 de dezembro de 2013.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de
Janeiro: Contraponto, 1997.

DIOGO, Marciano. Grupo responde por crime ambiental
após espalhar a mensagem “Cidade à Venda” pela Capital.
ND Online, Florianópolis, 29 de abril de 2014. Disponível
em: <[http://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/162767-
arte-ou-pichacao.html](http://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/162767-arte-ou-pichacao.html)> Acesso em: 30 de abril de 2014.

Facebook Vidal Ramos Open Shopping Disponível em:
<<https://www.facebook.com/pages/Vidal-Ramos-Open-Shopping/1480875232181588?fref=ts>> Acesso em 4 de junho de 2015.

Facebook Viva a Cidade Disponível em:
<<https://www.facebook.com/vivaacidade?fref=ts>> Acesso em: 4 de junho de 2015.

FEFFERMAN, Marisa. A luta contra o genocídio da juventude negra: reflexões sobre a realidade brasileira. Acta Científica XXIX Congreso de La Asociación Latinoamericana de Sociología 2013. Disponível em:
<http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/pn/PN33/P_Fefferman.pdf> Acesso em: 4 de novembro de 2014.

FERRAZ, Sonia Maria Taddei; MACHADO, Bruno Amadei. Eu não tenho onde morar, é por isso que eu moro na rua. Os “sem-teto”: moradores ou transgressores?. **Cadernos da Metrópole**. São Paulo, vol.16, no.32 , Nov. 2014

FORTES, Rafael; LAIGINER, Pablo. A criminalização da pobreza sob o signo do “Choque de Ordem”: uma análise dos primeiros cem dias do governo Eduardo Paes a partir das capas de O Globo. **Comunicação & Sociedade**. Rio de Janeiro, Ano 31, n. 53, p. 53-78, jan/jun 2010. Disponível em:
<<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/1458/1924>> Acesso em: 4 de junho e 2014.

FRANTZ, Sâmia. Comerciantes protestam contra a demora do retorno dos ônibus para o Terminal Cidade de Florianópolis. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 27 set. de 2012. Disponível em
<<http://diariocatarinense.clicrbs.com.br/sc/geral/noticia/20>

12/09/comerciantes-protestam-contr-a-demora-do-retorno-dos-onibus-para-o-terminal-cidade-de-florianopolis-3899978.html> Acesso em 2 de fevereiro de 2014.

Fundador do MPL fala sobre o movimento, as jornadas de junho e o Tarifa Zero. Brasil de Fato, 25 de julho de 2013. Autor desconhecido. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/node/13683>> Acesso em: 3 de abril de 2015.

GAJANIGO, Paulo. Ensino e democracia numa universidade sob a lógica produtivista: um relato pessoal. **Revista Intratextos**, 2013, vol4, n1, p. 1-7. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intratextos/article/viewFile/8520/7023>> Acesso em: 5 de fevereiro de 2015.

GALDO, Rafael. Rio é a cidade com maior população em favelas do Brasil. **O Globo**, Rio de Janeiro, 21 de dezembro de 2011. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/rio-a-cidade-com-maior-populacao-em-favelas-do-brasil-3489272#ixzz3VnjJX8CZ>> Acesso em: 4 de dezembro de 2014.

GIANNELLA, Letícia. Resenha BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine (org.). **De volta à cidade**: dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos. São Paulo: Annablume, 2006.

JACQUES, Paola Berenstein. Notas sobre espaço público e imagens da cidade. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.110/41>> Acesso em: 5 de maio de 2014.

JAYME, Juliana Gonzaga; NEVES Magda de Almeida. Cidade e espaço público: política de revitalização urbana

em Belo Horizonte. In: **Cad. CRH**, Salvador, vol.23, no.60, 2010. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792010000300011&lang=pt> Acesso em: 3 de dezembro de 2013.

KLEIN, Naomi. **A doutrina do choque**: a ascensão do capitalismo de desastre. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

LEITE, Rogério Proença. **Contra-usos da cidade**: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

LEITE, Rogério Proença. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, Vol.17, n.49, junho/2002.

LEITE, Rogério Proença. A exaustão das cidades: antienobrecimento e intervenções urbanas em cidades brasileiras e portuguesas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, vol.25, no.72, Feb. 2010

LEMOS, Celina Borges; ZOLINI, Gustavo Pimenta de Pádua. O cotejar dos paradigmas de gentrificação. **Livro do XIII Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e pesquisa em planejamento urbano e regional**. Florianópolis, 2009. Disponível em:
<<http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/ana/is/article/viewFile/3359/3292>> Acesso em: 3 de fevereiro de 2014.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. **Na Metrópole** - Textos de Antropologia Urbana. EDUSP, São Paulo, 1996. Disponível em:

<http://n-a-u.org/novo/wp-content/uploads/2012/03/campo_cidade.pdf> Acesso em 3 de julho de 2014.

MAGNANI, José Guilherme. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, Vol. 17, no49, junho/2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese de (Org.). **Jovens na Metrópole**: Etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

Obras de Paes viram peças de Banco Imobiliário distribuído em escolas. **O dia**, Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 2013. Autor desconhecido. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/portao/obras-de-paes-viram-pe%C3%A7as-de-banco-imobili%C3%A1rio-distribuido-em-escolas-1.551427>> Acesso em: 4 de março de 2013.

Ocupação Amarildo de Souza nasce no norte da Ilha, 2014. Autor desconhecido. Disponível em: <<http://racismoambiental.net.br/2013/12/sc-ocupacao-amarildo-de-souza-nasce-no-norte-da-ilha-de-florianopolis/>> Acesso em 28/12/2013.

SABATINI, Francisco et al. Gentrificación sin expulsión, fuerza de transformaciones de las ciudades latinoamericanas: datos e interpretación para Santiago. **IN: Tendencias de La segregación em lãs principales ciudades chilenas**. Santiago de Chile: Pontificia Universidad Católica de Chile e Instituto Nacional de Estadísticas, 2010.

SANTOS, Cristiano; FRANTZ, Sâmia. Legislação municipal que permite aterro é contestada na Capital.

Diário Catarinense, Florianópolis, 4 de junho de 2013. Disponível em: <<http://diariocatarinense.clicrbs.com.br/sc/noticia/2013/06/legislacao-municipal-que-permite-aterro-e-questionada-na-capital-4158309.html>> Acesso em: 10 de dezembro de 2013.

SCHIETSL, Saraga. Vidal Ramos e João Pinto: os contrastes do Centro Histórico de Florianópolis. **NDOLINE**, disponível em: <<http://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/16219-vidal-ramos-e-joao-pinto-os-contrastes-do-centro-historico-de-florianopolis.html>> Acesso em onze de novembro de 2013.

Secretaria-Geral da Presidência da República, **Juventude Viva** - Plano de Prevenção à Violência Contra a Juventude Negra, 27 de setembro de 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=b2re-IS6APA>> Acesso em: 3 de maio de 2015.

SENNETT, Richard. Una ciudad flexible de extraños. In: **ARQ**, n. 66, *Espacios de trabajo / Work spaces*, Santiago, agosto, 2007, p. 19-23. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S071769962007000200003&lang=pt> Acesso em: 3 de novembro de 2013.

SLATER, Tom. **Gentrification of the city**. 2011 Disponível em: <<http://www.geos.ed.ac.uk/homes/tslater/gotebridgewaterw.n.pdf>> Acesso em: 4 de setembro de 2013.

SMITH, Neil. A gentrificação generalizada. In: BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine. Introdução. **De volta à cidade**: dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos. São Paulo: Annablume, 2006, p.59-87.

Todo apoio à ocupação Amarildo de Souza em Florianópolis-SC, 2014. Autor desconhecido. Disponível em: <<http://cspconlutas.org.br/2014/02/todo-apoio-a-ocupacao-amarildo-de-souza-em-florianopolis-sc/>> Acesso em 28/12/2013.

VAZ, Nelson Popini. **O Centro Histórico de Florianópolis**: Espaço Público do Ritual. Florianópolis: FCC Ed./ Ed. da UFSC, 1991.

VELHO, Gilberto. Antropologia urbana: encontro de tradições e novas perspectivas. **Revista Sociologia, Problemas e Práticas**, nº 59, 2009, pp.11-18. Disponível em:
<<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n59/n59a02.pdf>
> Acesso em: 2 de fevereiro de 2014.

VIEIRA, Vilson Junior. **Oligopólio na comunicação**: Brasil um país de poucos. 2008. Disponível em:
<http://www.direitoacomunicacao.org.br/index2.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=342&Itemid=99999999> Acesso em: 4 de abril de 2015.

ZUKIN, Sharon. Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder. In: Arantes, Antônio Augusto (org). **O espaço da diferença**. Campinas, Papirus, 2000.pp 80-103.

ZUKIN, Sharon. Gentrification: Culture and Capital in the Urban Core. **Annual Review of Sociology**, Vol. 13, 1987, pp. 129-147.

